

Semana 15 - O Evangelho para os Judeus Convertidos

Texto: Hebreus 1 a 13

Estação 10

Hebreus 1

Versículos 1 a 14

1	Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas,
2	nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo.
3	Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas,
4	tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles.
5	Pois a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho?
6	E, novamente, ao introduzir o Primogênito no mundo, diz: E todos os anjos de Deus o adorem.
7	Ainda, quanto aos anjos, diz: Aquele que a seus anjos faz ventos, e a seus ministros, labareda de fogo;
8	mas acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; e: Cetro de equidade é o cetro do seu reino.
9	Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros.
10	Ainda: No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obra das tuas mãos;
11	eles perecerão; tu, porém, permaneces; sim, todos eles envelhecerão qual veste;
12	também, qual manto, os enrolarás, e, como vestes, serão igualmente mudados; tu, porém, és o mesmo, e os teus anos jamais terão fim.
13	Ora, a qual dos anjos jamais disse: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés?
14	Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação?

O autor da carta aos Hebreus dá início à mesma dizendo algo que nenhum hebreu cristão contestaria: que Deus falou ao Seu povo antes e de muitas maneiras (por anjos, profetas, reis e até por uma mula), mas que naqueles dias havia falado por Seu Filho, ou seja, de forma muito mais marcante, visto ser Ele o herdeiro de todas as coisas e o próprio Criador dos mundos (versículos 1 e 2). Trata-se de uma manifestação muito mais sublime por ostentar Ele o brilho da glória do Pai, expressar a imagem da Sua pessoa e ser o sustentador de todas as coisas pela palavra do Seu poder. Além disso, tendo purgado, através de Si mesmo, os nossos pecados, sentou-Se à direita da Majestade numa posição de autoridade (versículo 3).

Depois de humilhar-Se, tomando a forma de Servo humano, não obstante ser Deus, Paulo nos informa que Ele voltou a Se humilhar aceitando, por obediência, a morte maldita de cruz (*Filipenses 2.6-8*). Por esse motivo Deus O exaltou dando-Lhe um Nome que é sobre todo nome, qual seja, JESUS, que significa Jeová salva (*Filipenses 2.9*). Em *Hebreus 1* somos informados que Jesus, que por pouco tempo fora feito menor que os anjos (*Hebreus 2.9*), havia Se tornado muito superior a eles ao herdar um Nome mais excelente do que aquele a eles destinado. Não precisamos esperar muito para saber que Nome é esse, pois os versículos 5 e 6 nos dizem não apenas qual é, mas também quando foi dado. Ele foi chamado de Filho no dia em que Deus Pai O gerou e O adotou como tal. Essa é a mesma interpretação dada por Paulo em *Atos 13.33* para este versículo extraído de *Salmos 2.7*. Isso se deu no dia da ressurreição.

Reiteramos aqui que Jesus nascera de forma legal como Unigênito Filho de Deus, gerado no ventre de Maria, mas ao ser “re-gerado espiritualmente” no dia da ressurreição, Ele Se tornou Filho legal por adoção. Paulo já falara isso, também, em *Romanos 1.4* ao dizer que Jesus fora declarado Filho de Deus com poder do Espírito na ressurreição dos mortos.

Para que não haja qualquer dúvida, o versículo 6 relaciona isso ao dia em que o Pai ‘novamente’ introduz o “Primogênito” no mundo, mandando que todos os anjos O adorem, e deixa claro que Ele não está falando sobre a geração do “Unigênito” no ventre de Maria, mas que se trata do mesmo “Primogênito dentre muitos irmãos”, o primeiro nascido de novo, ao qual Paulo se refere em *Romanos 2.29*.

Na continuidade do texto, o versículo 7 traz uma citação de *Salmos 101.4*, na qual os anjos são apresentados como espíritos ministradores (servos), mas para mostrar a superioridade do Filho, o autor de Hebreus cita nos versículos 8 e 9, *Salmos 45.6-7*, que O apresentam como o próprio Deus.

“O Teu trono, ó Deus, subsiste pelos séculos dos séculos; cetro de equidade é o cetro do Teu reino. Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso Deus, o Teu Deus, Te ungiu com óleo de alegria, mais do que a Teus companheiros”.

Para mostrar a Sua participação na criação, ele cita *Salmos 102.25-27*:

“Desde a antiguidade fundaste a terra; e os céus são obra das Tuas mãos. Eles perecerão, mas Tu permanecerás; todos eles, como um vestido, envelhecerão; como roupa os mudarás, e ficarão mudados. Mas Tu és o mesmo, e os Teus anos não acabarão”.

No versículo 3 já tinha ficado claro que o autor tinha o texto de *Salmos 110.1* em mente, mas aqui ele o cita para lembrar que Deus nunca disse isso a anjo nenhum, mas, sim, ao Filho (versículo 13).

No versículo 14 ele termina o seu argumento acerca da superioridade de Jesus em relação aos anjos, dizendo que os anjos são apenas espíritos ministradores enviados em favor dos que vão herdar a salvação, enquanto Jesus é o próprio autor desta, embora ele não o diga aqui, mas, sim, em *Hebreus 2.10*.

Hebreus 2

Versículos 1 a 18

1	Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos.
2	Se, pois, se tornou firme a palavra falada por meio de anjos, e toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo,
3	como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram;
4	dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo, segundo a sua vontade.
5	Pois não foi a anjos que sujeitou o mundo que há de vir, sobre o qual estamos falando;
6	antes, alguém, em certo lugar, deu pleno testemunho, dizendo: Que é o homem, que dele te lembres? Ou o filho do homem, que o visites?
7	Fizeste-o, por um pouco, menor que os anjos, de glória e de honra o coroaste [e o constituíste sobre as obras das tuas mãos].
8	Todas as coisas sujeitaste debaixo dos seus pés. Ora, desde que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou fora do seu domínio. Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas;
9	vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem.

10	Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles.
11	Pois, tanto o que santifica como os que são santificados, todos vêm de um só. Por isso, é que ele não se envergonha de lhes chamar irmãos,
12	dizendo: A meus irmãos declararei o teu nome, cantar-te-ei louvores no meio da congregação.
13	E outra vez: Eu porei nele a minha confiança. E ainda: Eis aqui estou eu e os filhos que Deus me deu.
14	Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo,
15	e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida.
16	Pois ele, evidentemente, não socorre anjos, mas socorre a descendência de Abraão.
17	Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo.
18	Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados.

“Em razão disso”, começa o autor, obviamente referindo-se à revelação que nos foi feita por e em Jesus, devemos dar a ela séria atenção, para evitar que dela venhamos a nos desviar. Pois se a palavra falada por anjos (referência à Lei Mosaica - ver *Gálatas* 3. 19), que são muito menores que Jesus, provou ser eficaz na condenação do pecado, como escaparemos nós se não atentarmos para tão grande salvação, a qual começou a ser pregada pelo Senhor, e que foi confirmada a nós por aqueles que O ouviram, à qual Deus também deu testemunho através de sinais, maravilhas, vários milagres e dons do Espírito Santo, distribuídos de acordo com Sua vontade? A resposta óbvia é: não podemos! (versículos 1 a 4).

No restante do segundo capítulo o autor de Hebreus mostra que esse plano de salvação não foi previsto para socorrer anjos, mas foi dado em favor da semente de Abraão (versículo 16). De igual modo, o mundo vindouro será sujeitado ao homem e não a anjos (versículo 5). Devido a isso tanto o homem, como Jesus mesmo, foram feitos, por pouco tempo, um pouco menores que os anjos (versículos 7 e 9, respectivamente). Embora essa situação persista em relação ao homem, que perdeu, devido ao pecado, a glória e a honra que Deus lhe dera (versículos 7 e 8), ela não é mais verdade no tocante a Jesus, que foi coroado com honra e glória pelo sofrimento de morte que suportou (versículo 9).

Tendo dito que Ele, Jesus, foi coroado de glória e honra pelo sofrimento de morte que suportou, o autor de Hebreus nos surpreende dizendo que isso se deu para que, pela graça de Deus, Ele pudesse “experimentalmente a morte por todos”.

Os comentaristas bíblicos são unânimes em dizer que esse versículo 9 é muito difícil. Aparentemente o autor está dizendo que Jesus morreu para que pudesse morrer. Essa aparente dificuldade desapareceria, contudo, se ele estivesse falando de duas mortes distintas: uma física e outra espiritual.

Eu não tenho dificuldade com este texto, justamente porque creio na morte espiritual do homem Jesus, mas há muitos que não a aceitam devido ao fato de não conseguirem aceitar que haja qualquer distinção entre Jesus Deus e Jesus homem. Isso foi objeto do primeiro concílio da Igreja em Nicéia no quarto século e foi rediscutido em praticamente todos os demais depois disso.

Houve, inclusive, um bispo de Constantinopla, chamado Nestório, que foi exilado por ter ousado dizer que Maria não era mãe de Deus, mas só do homem Jesus. A condenação no caso foi totalmente política, mas não foi por causa de Maria e, sim, porque ele teria separado Jesus Deus de Jesus homem.

Diga-se de passagem, contudo, que Paulo, se vivesse nos dias de Nestório, teria sido taxado de herético e condenado de igual forma, por ousar dizer que o mediador entre Deus e os homens é Jesus Cristo **homem**.

Jesus, o segundo Adão, como diz Paulo em Romanos, era imortal e Se tornou mortal ao tomar sobre Si os nossos pecados, em obediência à vontade de Deus Pai, ou seja, Ele morreu primeiro espiritualmente. Feito isso, Deus O coroou de honra e glória por causa de Sua obediência. Além disso, pela graça de Deus, Jesus morreu, em nosso favor, a morte física, através da qual Se torna o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo. Isso é lindo!

No versículo 10, a ideia de que “convinha” a Deus Pai, que o Autor de nossa salvação fosse aperfeiçoado pelo sofrimento, é certamente algo que queremos ver mais de perto. Primeiramente “convinha” porque era um requerimento da graça divina. Esse versículo faz lembrar *Isaías 53.10*, que afirma ter “*agradado a Deus moê-lo*”. Deus nos amou de tal maneira que, pela Sua graça, entregou o Seu Filho Unigênito à morte (primeiramente espiritual e depois física) para que todo aquele que nEle crê fosse tornado perfeito, ou seja, recebesse vida eterna, graças ao fato dEle tomar sobre Si a nossa imperfeição. Vemos, portanto, que *João 3.16* está falando de muito mais do que perdão de pecados. A aquisição da vida eterna está claramente incluída.

A palavra “Autor” usada para qualificar Jesus é “archegus” no grego, que significa Principal Líder, Autor, Capitão ou Príncipe (/23/, pág. 1533). De acordo com *Expositor's Bible Commentary* (/22/, pág. 27), significa “aquele que começa alguma coisa como primeiro da série”. Essa é exatamente a ideia que Paulo apresenta em *Romanos 8.29* quando diz que Jesus é o “*Primogênito dentre muitos irmãos*”.

A ideia de Jesus ser aperfeiçoado ou tornado perfeito também traz dificuldades para quem não crê no novo nascimento de Jesus homem. A palavra grega correspondente é “teleioo”, que de acordo com Goodrick (/23/, pág. 1596) significa completar, realizar, consumir, consagrar, concluir ou tornar perfeito. Devemos enfatizar que o que está sendo aperfeiçoado é o próprio Senhor Jesus e não a Sua obra. Assim sendo, completar ou aperfeiçoar têm o mesmo sentido. Se Ele foi contaminado pelos nossos pecados, Ele, como nosso substituto perfeito, tomou sobre Si a nossa “morte eterna” e foi para o inferno após morrer fisicamente (*IPedro 3.18-19*), onde pagou o preço de nossa “vida eterna”. Ao terceiro dia, contudo, foi aperfeiçoado, primeiramente no espírito e depois fisicamente, tornando-Se o Primogênito dentre muitos irmãos em dois aspectos distintos: Ele é o primeiro a nascer de novo espiritualmente (um aspecto que já foi igualmente recebido pelos que nEle creem) e é o primeiro a receber um corpo eterno. Esse segundo aspecto é claramente reconhecido em *Romanos 6.9-10*.

“Sabendo que, tendo Cristo ressurgido dentre os mortos, já não morre mais; a morte não mais tem domínio sobre Ele. Pois quanto a ter morrido, de uma vez por todas morreu para o pecado, mas quanto a viver, vive para Deus”.

Nós, contudo, só vamos receber esse segundo benefício quando da Sua segunda vinda, conforme estabelecido em *ICoríntios 15.22-23*.

“Pois como em Adão todos morrem, do mesmo modo em Cristo todos serão vivificados. Cada um, porém, na sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na Sua vinda”.

Como de hábito, gostaria de deixar aberta a alternativa para os que não creem na morte espiritual do homem Jesus. Neste caso o versículo 9 citaria a morte de Jesus duas vezes apenas como uma forma de enfatizar o fato. Já no versículo 10 o aperfeiçoamento de Jesus teria sido apenas com a experiência ganha ao passar por tudo que Ele passou.

No versículo 11 o autor de Hebreus ressalta o fato de que Jesus não Se envergonha de chamar de irmãos aqueles que foram santificados pelo Seu sacrifício. A vitória por Ele alcançada em favor deles é ressaltada nos versículos 14 e 15, onde fica evidenciado que Ele Se tornou carne e sangue, igual a eles, para que pudesse derrotar Satanás, que tinha o poder da morte, libertando aqueles que lhe estavam sujeitos.

O autor encerra esse capítulo indicando que Jesus foi feito Sumo Sacerdote para representar aqueles pelos quais morreu, pois Ele tem todas as qualificações necessárias para mediar o relacionamento entre o homem e Deus.

Hebreus 3

Versículos 1 a 19

1	Por isso, santos irmãos, que participais da vocação celestial, considerai atentamente o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus,
2	o qual é fiel àquele que o constituiu, como também o era Moisés em toda a casa de Deus.
3	Jesus, todavia, tem sido considerado digno de tanto maior glória do que Moisés, quanto maior honra do que a casa tem aquele que a estabeleceu.
4	Pois toda casa é estabelecida por alguém, mas aquele que estabeleceu todas as coisas é Deus.
5	E Moisés era fiel, em toda a casa de Deus, como servo, para testemunho das coisas que haviam de ser anunciadas;
6	Cristo, porém, como Filho, em sua casa; a qual casa somos nós, se guardarmos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança.
7	Assim, pois, como diz o Espírito Santo: Hoje, se ouvirdes a sua voz,
8	não endureçais o vosso coração como foi na provocação, no dia da tentação no deserto,
9	onde os vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, e viram as minhas obras por quarenta anos.
10	Por isso, me indignei contra essa geração e disse: Estes sempre erram no coração; eles também não conheceram os meus caminhos.
11	Assim, jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso.
12	Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo;
13	pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado.
14	Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos.
15	Enquanto se diz: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração, como foi na provocação.
16	Ora, quais os que, tendo ouvido, se rebelaram? Não foram, de fato, todos os que saíram do Egito por intermédio de Moisés?
17	E contra quem se indignou por quarenta anos? Não foi contra os que pecaram, cujos cadáveres caíram no deserto?
18	E contra quem jurou que não entrariam no seu descanso, senão contra os que foram desobedientes?
19	Vemos, pois, que não puderam entrar por causa da incredulidade.

Se nos capítulos 1 e 2 o autor dessa carta ressaltou a superioridade de Jesus em relação aos anjos, neste capítulo ele aborda a Sua superioridade em relação a Moisés, que foi mediador da Velha Aliança. A base para essa declaração reside no fato de Moisés ter sido fiel, na condição de servo, sobre toda a casa de Deus, enquanto Jesus foi igualmente fiel, mas como Filho, sobre a Sua própria casa, que é a Igreja (versículos 3 a 6).

Tendo estabelecido esse ponto, o autor passa a mostrar que a fidelidade dos mediadores não garante o sucesso dos mediados independente da fé destes. Ele ressalta a necessidade de ouvir a voz do Espírito Santo: “**hoje se ouvirdes a Sua voz, não endureçais os vossos corações como no dia da tentação no deserto**” (versículos 7 e 8). Ali os filhos de Israel provocaram o Senhor (*Salmos 95.7-11*), sendo incapazes de conhecê-LO, pelo que foram impedidos de entrar no Seu descanso (versículos 9 a 11). De igual forma o autor diz que devemos exortar um ao outro, diariamente, de modo a não sermos endurecidos através do engano do pecado (versículo 13). Tendo nos tornado participantes de Cristo devemos zelar para que nossa fé se mantenha firme e não venhamos a ser reprovados como o foram os israelitas.

Hebreus 4

Versículos 1 a 16

1	Temamos, portanto, que, sendo-nos deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, suceda parecer que algum de vós tenha falhado.
2	Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram.
3	Nós, porém, que cremos, entramos no descanso, conforme Deus tem dito: Assim, jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso. Embora, certamente, as obras estivessem concluídas desde a fundação do mundo.
4	Porque, em certo lugar, assim disse, no tocante ao sétimo dia: E descansou Deus, no sétimo dia, de todas as obras que fizera.
5	E novamente, no mesmo lugar: Não entrarão no meu descanso.
6	Visto, portanto, que resta entrarem alguns nele e que, por causa da desobediência, não entraram aqueles aos quais anteriormente foram anunciadas as boas-novas,
7	de novo, determina certo dia, Hoje, falando por Davi, muito tempo depois, segundo antes fora declarado: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração.
8	Ora, se Josué lhes houvesse dado descanso, não falaria, posteriormente, a respeito de outro dia.
9	Portanto, resta um repouso para o povo de Deus.

10	Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas.
11	Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia, segundo o mesmo exemplo de desobediência.
12	Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração.
13	E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas.
14	Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão.
15	Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.
16	Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.

Neste capítulo o autor expande o conceito de “descanso de Deus”, mostrando, ainda, através do texto de *Salmos 95*, que o descanso provido por Josué, adentrando a Terra Prometida, não era aquele que Deus tinha para aqueles que O amam. No descanso divino realmente só entramos quando cessamos de nossos trabalhos terrenos (versículo 10), da mesma forma como Deus só descansou quando concluiu a criação (versículo 4). Sejamos, pois, diligentes quanto à entrada no nosso descanso, para que não venhamos a ser reprovados como o foram os israelitas no exemplo dado (versículo 11). A melhor maneira de exercer tal diligência é permitindo que sejamos integralmente provados à luz da Palavra de Deus, que “é uma espada penetrante de dois gumes, que penetra até a divisão da alma e do espírito (priorizando as coisas do espírito), discernindo entre os nossos pensamentos e as intenções do coração” (versículo 12).

Neste caso específico, estamos falando é da Palavra de Deus. É ela que nos ensina o caminho no qual devemos andar (*Salmos 119.105*). É ela, de igual forma que nos corrige, fazendo com que reconheçamos nossos erros (*Hebreus 12.5-6*).

É muito interessante a visão que esse versículo nos dá do homem. Ele nos ensina que alma e espírito são elementos tão distintos quanto o são as juntas e medulas do corpo. Ainda no âmbito da alma, a Palavra nos ensina a distinguir pensamentos da mente e desejos ou intenções do coração. Nos moldes definidos neste versículo podemos representar o homem conforme indicado na figura 1 abaixo:

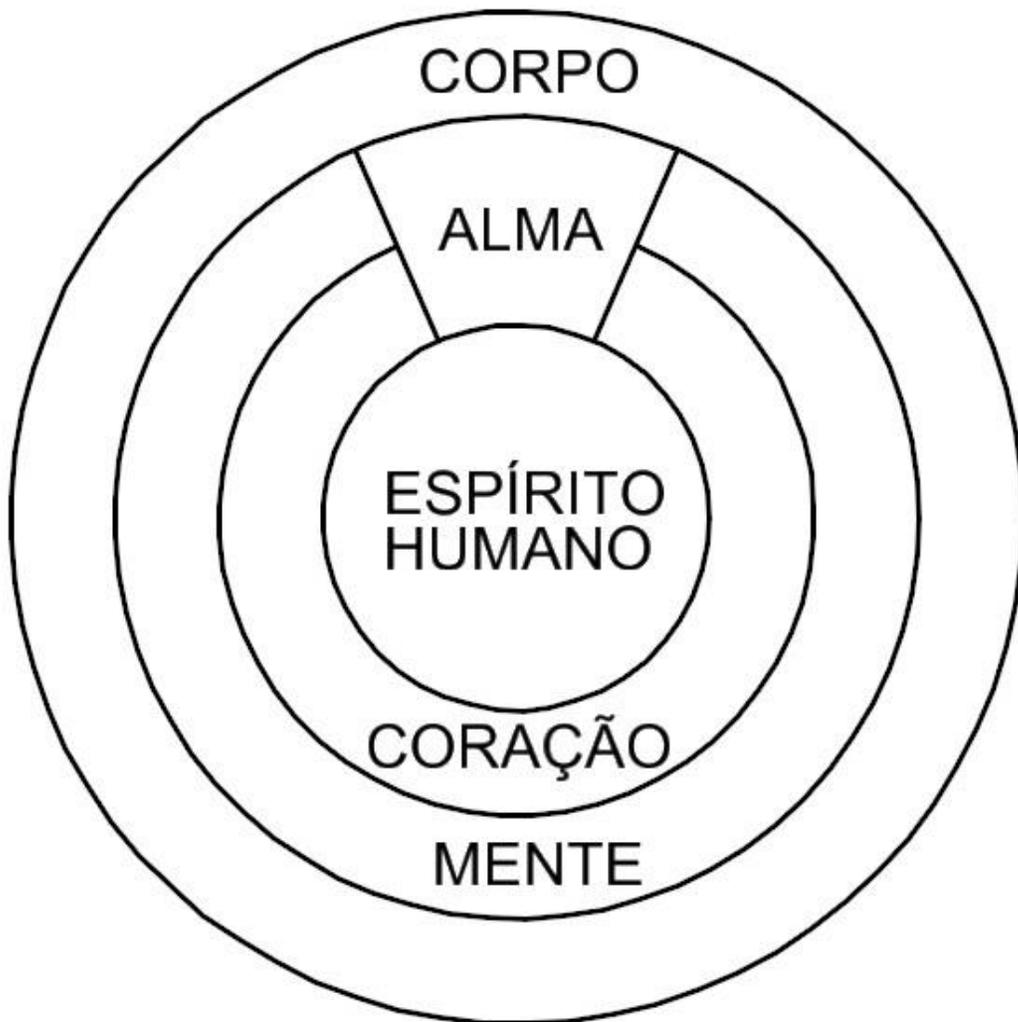


Figura 1 - Representação esquemática do homem como Corpo – Alma – Espírito

Neste ponto o autor adentra o tema do sacerdócio de Jesus Cristo, mencionado no capítulo 2, perante cujo trono de graça podemos comparecer com ousadia, não obstante as nossas fraquezas, porque ali obteremos misericórdia e encontraremos graça no tempo de necessidade (versículos 14 a 16).

O comentário de Lutero para esse versículo 14 foi: “depois de nos aterrorizar o autor agora nos consola. Primeiro derramou vinho em nossas feridas e agora vai untá-los com óleo”. Embora nós, como cristãos, não tenhamos méritos que nos permitam entrar confiadamente na presença de Deus, ainda assim graças aos méritos do nosso Mediador e Sumo Sacerdote podemos exercer essa mesma confiança.

O fato dele ter “adentrado os céus” faz dEle um Sumo Sacerdote ao qual não podem ser comparados os da ordem arônica, que todos adentraram um Santo dos Santos apenas figura daquele que foi adentrado por Jesus.

O aposto que qualifica Jesus como Filho de Deus é extremamente importante. Na condição de Mediador temos um pedido extremamente pertinente feito por Jó: “Se tão somente houvesse alguém para servir de árbitro entre nós, para impor as mãos sobre nós dois, alguém que afastasse de mim a vara de Deus para que o Seu terror não mais me assustasse...” (Jó 9.33-34). Pois bem, esse pedido foi atendido em Jesus. Como homem, filho de mulher, Ele Se achega a nós e nos abraça como um de nós e como Deus, Filho de Deus, Ele abraça o Pai, tendo preenchido a justiça exigida por Ele, e agora intercede por nós. Por tudo isso, podemos e devemos nos apegar à fé que professamos.

Como se tudo isso não bastasse, Ele ainda tem a grande vantagem de ter passado por tudo que nós passamos. Ele conhece tudo porque Ele mesmo o vivenciou. As investidas de Satanás contra Ele foram similares às que faz contra nós. No deserto, Satanás O tentou com vaidade, fome e orgulho. Nada disso adiantou. Quando Pedro acabara de reconhecer Jesus como Filho do Deus vivo, por revelação divina, exatamente neste ponto ele O ataca com autocomiseração. Em nenhuma delas, contudo, Ele caiu.

Há um ponto muito importante aqui. Será que Ele como Filho de Deus poderia ter caído? Há muitos teólogos que respondem “não” a essa pergunta, mas vejam como seria sem sentido tal resposta. Se não houvesse a real possibilidade de Jesus pecar, então, não haveria, tampouco, qualquer vantagem em deixar de tê-lo feito. Não haveria ainda porque o autor de Hebreus enaltecer esse fato.

Por outro lado, se Ele não pudesse realmente ter pecado, então, os nossos pecados também nunca estiveram sobre Ele. Ele sequer seria o nosso igual.

Glória a Deus, contudo, porque Ele era 100% Deus, mas também 100% homem. Nesta condição Ele podia ter pecado, mas não o fez. É exatamente isso que O qualifica como o fantástico Mediador que Ele realmente é.

Resumindo, os hebreus a quem essa carta foi endereçada estavam sendo pressionados a negar Cristo e voltar para o convívio do templo, onde teriam novamente a segurança da Lei Mosaica. O autor da carta está tentando mostrá-los, contudo, que aquilo que eles receberam ao aceitarem Jesus, deu a eles infinitamente mais do que tinham antes e que eles mesmos agora poderiam adentrar o Santo dos Santos e comparecer diante de Deus na condição de filhos. Como filhos, estão sendo encorajados a fazê-lo confiadamente, para que, pelos méritos de Cristo, eles pudessem ter certeza de receber ajuda e graça em tempo de necessidade. Isso representava uma verdadeira revolução em relação ao que tinham antes. A relação com Deus seria conforme prometido por Jeremias: todos o conheceriam pessoalmente, desde o menor até o maior (*Jeremias 31.34b*).

Hebreus 5

Versículos 1 a 14

1	Porque todo sumo sacerdote, sendo tomado dentre os homens, é constituído nas coisas concernentes a Deus, a favor dos homens, para oferecer tanto dons como sacrifícios pelos pecados,
2	e é capaz de condoer-se dos ignorantes e dos que erram, pois também ele mesmo está rodeado de fraquezas.
3	E, por esta razão, deve oferecer sacrifícios pelos pecados, tanto do povo como de si mesmo.
4	Ninguém, pois, toma esta honra para si mesmo, senão quando chamado por Deus, como aconteceu com Arão.
5	Assim, também Cristo a si mesmo não se glorificou para se tornar sumo sacerdote, mas o glorificou aquele que lhe disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei;
6	como em outro lugar também diz: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.
7	Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade,
8	embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu
9	e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem,
10	tendo sido nomeado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque.
11	A esse respeito temos muitas coisas que dizer e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir.
12	Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim, vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido.
13	Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança.
14	Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.

O versículo 1 nos fala da qualificação e do ofício do Sumo Sacerdote arônico. Obviamente deveria ser escolhido dentre os homens, ou seja, alguém que não fosse 100% homem não servia. Assim sendo, era uma exigência que se aplicava também a

Jesus, pelo que Ele tinha que ser 100% homem. Sua tarefa perante Deus era representar os homens e apresentar ofertas e sacrifícios pelos pecados.

O fato dEle ser escolhido implica, automaticamente, que Ele não escolhe a Si mesmo. Assim como o sacerdócio arônico foi uma instituição divina, também Jesus foi escolhido por Deus, como veremos adiante no versículo 5.

O autor já havia falado da qualificação de Jesus de poder compadecer-Se de nós por ter sido tentado, mas vencido. Ao falar agora do compadecimento do Sumo Sacerdote arônico, ele o faz baseado no fato de ser também um pecador como nós, ao contrário de Jesus, que venceu o pecado.

Está implícito nesse versículo também o fato de que Ele intermedia ofertas e sacrifícios daqueles que pecam por ignorância. Não há previsão na lei para o perdão sem arrependimento.

Pessoas que pecassem em rebelião ou “de mão levantada” (significando em desafio contra Deus) eram excluídas da comunidade de Israel. Dentre esses pecados estava incluída a “apostasia”.

Este era o pecado que os destinatários da carta de Hebreus estavam prestes a cometer caso declarassem Jesus anátema para poderem voltar à participação na comunidade do Templo. Estava em jogo a escolha entre o retorno à lei mosaica e a rejeição de Jesus como Messias, ou a fidelidade para com Jesus, que eles haviam aceito como Senhor e Salvador de suas vidas.

O versículo 3 nos lembra que Sua mediação começa com sacrifícios por Si mesmo, porque se trata de uma pessoa falha como as demais, mas, mesmo assim, o versículo 4 nos diz que tinha que ser uma pessoa indicada por Deus.

Jesus também foi assim, mas mais uma vez a superioridade dEle é evocada! A prova de que o sacerdócio dEle é superior, começa pelo fato de que foi anunciado pela boca de Davi, pronunciando palavras do próprio Deus. Jesus é o Filho gerado exatamente com a finalidade de ser Sumo Sacerdote (*Salmos 2.7 e 110.4*). Como se isso não bastasse, foi anunciada uma ordem superior à arônica, qual seja, a de Melquisedeque (Rei da Justiça), não por algum tempo, conforme os sacerdotes arônicos o eram, mas por toda a eternidade, uma vez que Ele já conquistara vida eterna na ocasião em que o sacerdócio Lhe foi outorgado (os versículos se referem a um tempo pós ressurreição: *Atos 13.33 e Hebreus 7.20-27*).

A referência no versículo 7 é obviamente ao Getsêmane, onde o texto bíblico nos fala da agonia de Jesus diante da morte. As orações feitas ao Pai, Aquele que podia livrá-IO, obviamente não foram a respeito do Seu medo do sofrimento físico, porque aqui diz que Ele foi atendido, e, sim, a respeito da separação do Pai ao tomar sobre Si os nossos pecados (a morte espiritual). O difícil aqui é entender de que modo foi ouvido, visto que a vontade de Deus Pai é que Ele passasse pela experiência da segunda morte por nós,

tomando sobre Si os nossos pecados. Como foi ouvido devido à Sua reverente submissão, a alternativa mais contundente é que Deus O ouviu ao ressuscitá-LO dos mortos no terceiro dia, gerando para Ele um Espírito novo fazendo dEle o Primogênito dentre muitos irmãos.

No versículo 8 a dificuldade reside no aperfeiçoamento de Jesus. Nós, humanos falhos, sem dúvida aprendemos a obedecer pelo sofrimento. Apanhamos para obedecer. Obviamente não é esse o caso de Jesus, mas a obediência ao Pai, no caso dEle, teve como consequência um grande sofrimento, qual foi o de separar-Se de Deus e sujeitar-Se por nós à segunda morte, tomando sobre Si o nosso inferno, para que pudéssemos vir a gozar o Seu Céu.

A continuidade do texto, que para a maioria dos comentaristas gera tanta dificuldade, fica na realidade muito simples. Significa: e quando Ele foi aperfeiçoado pelo novo nascimento, tornou-Se a fonte da salvação eterna, que nasceram a seguir em série, pelo novo e vivo caminho que Ele inaugurou.

Isso, a que se refere o autor no versículo 11, é o assunto que ele está introduzindo, qual seja o Sumo Sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque. Ele está apenas começando a falar a respeito, mas, pelo fato dele conhecer bem os destinatários dessa carta, está convencido de que o assunto é profundo demais, não para a capacidade intelectual deles, mas para o desinteresse que eles têm demonstrado pelas coisas de Deus, motivo pelo qual não mais conseguem aprender, senão mui lentamente.

Sem dúvida é tempo de pararmos para perguntar se nós por acaso não estamos mostrando similar desinteresse. O assunto que estamos adentrando é marcante e maravilhoso, mostrando-nos facetas do ministério de Jesus que a grande maioria dos crentes desconhece. Por que será?

O fato deles terem se tornado lentos implica que antigamente não era assim. Quantos crentes conhecemos que esfriaram completamente depois de terem iniciado tão bem no período de primeiro amor?

O fato de que a essa altura já devessem ser mestres, ressalta a total falta de crescimento que tiveram ao longo do tempo. Como crentes, continuam impossibilitados de produzir frutos, instruindo a outros porque eles mesmos ainda estão sendo alimentados com leite, por não conhecerem sequer o “beabá” da Bíblia. Infelizmente, Paulo teve que dizer a mesma coisa aos coríntios: **“Irmãos, não lhes pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como crianças em Cristo. Dei-lhes leite e não alimento sólido pois vocês não estavam em condições de recebê-lo” (ICoríntios 3.1-2).**

Que será, no versículo 13, o “ensino da justiça”? No evangelho de Jesus Cristo só há espaço para um tipo de justiça, qual seja aquela que vem pela fé. Era a essa justiça que se contrapunha àquela que vinha pelas obras da guarda da lei, para a qual os hebreus estavam querendo retornar, que o autor da carta estava se referindo.

Os adultos ou as pessoas maduras no evangelho de Jesus Cristo do versículo 14 são justamente aquelas que têm se esforçado por conformar suas vidas aos ensinamentos dele.

Hebreus 6

Versículos 1 a 20

1	Por isso, deixando de parte os princípios elementares da doutrina de Cristo, deixemo-nos levar para o que é perfeito, não lançando, de novo, a base do arrependimento de obras mortas e da fé em Deus,
2	o ensino de batismos e da imposição de mãos, da ressurreição dos mortos e do juízo eterno.
3	Isso faremos, se Deus permitir.
4	É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo,
5	e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro,
6	e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia.
7	Porque a terra que absorve a chuva que freqüentemente cai sobre ela e produz erva útil para aqueles por quem é também cultivada recebe bênção da parte de Deus;
8	mas, se produz espinhos e abrolhos, é rejeitada e perto está da maldição; e o seu fim é ser queimada.
9	Quanto a vós outros, todavia, ó amados, estamos persuadidos das coisas que são melhores e pertencentes à salvação, ainda que falamos desta maneira.
10	Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho e do amor que evidenciastes para com o seu nome, pois servistes e ainda servis aos santos.
11	Desejamos, porém, continue cada um de vós mostrando, até ao fim, a mesma diligência para a plena certeza da esperança;
12	para que não vos torneis indolentes, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdaram as promessas.
13	Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo,
14	dizendo: Certamente, te abençoarei e te multiplicarei.
15	E assim, depois de esperar com paciência, obteve Abraão a promessa.
16	Pois os homens juram pelo que lhes é superior, e o juramento, servindo de garantia, para eles, é o fim de toda contenda.

17	Por isso, Deus, quando quis mostrar mais firmemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu propósito, se interpôs com juramento,
18	para que, mediante duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, forte alento tenhamos nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta;
19	a qual temos por âncora da alma, segura e firme e que penetra além do véu,
20	onde Jesus, como precursor, entrou por nós, tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.

No início deste capítulo temos a impressão de que o autor mudou de assunto e que queria passar a falar de doutrinas básicas. Citou algumas que ele considera importantes (versículos 1-2), mas preferiu deixá-las para outra ocasião (versículo 3) e seu tema imediato seria a apostasia (versículos 4-9). Devemos lembrar, contudo, que se trata de uma carta escrita a hebreus, para ressaltar que o Evangelho de Jesus Cristo é o cumprimento de todo o cerimonialismo judaico. Assim sendo, não há dúvida de que ele está exortando os judeus convertidos do perigo de retornarem ao Judaísmo, mas a ênfase aqui continua sendo a necessidade de diligência (versículo 11) em ouvir e obedecer a revelação que viera por Jesus Cristo. Além disso, ele introduz, nas entrelinhas, a questão do sacrifício único de Jesus, comparado aos múltiplos sacrifícios do cerimonial judaico (um assunto a ser detalhado no capítulo 9).

Este texto dos versículos 4 a 9 é uma das fortes armas dos defensores da possibilidade de perda de salvação, que têm como opositores aqueles que sustentam a máxima 'uma vez salvos, sempre salvos!'. Não há dúvida de que o autor esteja falando de apostasia, mas a intenção dele não é alimentar essa discussão, que certamente já existia àquela época. Ele concebe uma apostasia hipotética, possível, mas quase inimaginável, para mostrar que o sacrifício de Jesus, não obstante único, não implicava em perda de salvação diante de um tropeço qualquer. Vejamos, portanto, o que ele tem a dizer.

Seja um judeu que se converteu ao Cristianismo, por ter sido iluminado pelo Espírito Santo, que se configura numa pessoa que entendeu a mensagem da cruz, confessou sua fé em Jesus Cristo, nasceu de novo, constatou que a Palavra de Deus tem poder e recebeu, inclusive, dons sobrenaturais do Espírito Santo. Imaginemos agora, que esse Crente, com 'C' maiúsculo, por um desvario de sua conveniência, vá procurar o Sumo Sacerdote na sinagoga e diga a ele que deseja renegar sua fé cristã e ser reintegrado na comunidade judaica, declarando publicamente, para tanto, que Jesus é anátema. Pois bem, o autor de Hebreus nos diz que essa situação é possível, esse sujeito retorna novamente à sua condição de espiritualmente morto, mas ele deixa claro que isso é um caminho sem volta. Ele já fez uso do sacrifício único de Jesus Cristo e O renegou. Para que ele pudesse ter nova conversão e outro novo nascimento, seria necessário que Cristo morresse por ele uma segunda vez; mas isso não vai acontecer.

Cabe aqui um aposto, indicando porque esse ensinamento de Hebreus é extremamente valioso. Ele nos mostra, por exemplo, o erro que cometem muitas igrejas de nossos dias

tratando os “desviados da fé” como pessoas que perderam a salvação e que precisam se “reconverter”, ao invés de reconhecerem que são apenas cristãos que perderam a comunhão com Deus devido ao seu pecado. São tratados como ímpios, ao invés de irmãos amados, que precisam ser ensinados a confessar o seu pecado, para que sua comunhão seja restabelecida.

Este texto mostra, ainda, o quão sem sentido é a ideia de que Deus salva quem quer e que a predestinação não tem qualquer ingerência nossa. Essa perda de salvação aqui apresentada seria impossível se assim fosse.

Retornando agora ao texto e ao contexto, o autor diz, no versículo 9, que ele não espera esse tipo de atitude de nenhum dos seus amados leitores. Para tanto, ele os exorta a serem diligentes em seguir a Cristo (versículos 10 a 12), imitando aqueles que através da fé e da paciência herdaram as promessas.

Há uma certa dificuldade de interpretação associada ao versículo 10, pois parece atribuir dívida a Deus para com os trabalhos feitos a Seu serviço. “Deus não é injusto pelo que vai retribuir vocês pelas obras que fizeram”. Será que é isso que está escrito aí? Na tradição católica essa interpretação seria totalmente válida, com as penitências sendo computadas como obras feitas a serviço de Deus, através das quais podemos angariar o perdão de pecados. Esse é um dos versículos usados para defender esse ponto de vista. Será que é defensável? A Bíblia obviamente não pode se contradizer e sabemos o que nos diz *Efésios 2.8-9*: **Pois vocês são salvos pela graça, mediante a fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus, não por obras, para que ninguém se glorie**. Isso nega, portanto, claramente, que a salvação possa ser alcançada por mérito, mas não explica o que o autor quis dizer. *Efésios 2.10* continua os versículos supracitados falando de obras que Deus preparou para nelas andarmos depois da salvação. Esse raciocínio leva a maioria das pessoas a pensar imediatamente em termos de galardão. Será isso então? Talvez galardão seja uma coisa muito mal compreendida. Paulo fala a respeito em *ICoríntios 3.8* - **O que planta e o que rega têm um só propósito e cada um será galardoado de acordo com as suas obras**. Será que Paulo está falando de uma casa mais bonita ou mesmo uma mansão celestial para aqueles que mais produzirem para o reino aqui? Essa é uma visão muito material do que vem a ser o galardão espiritual. É quase tão ridícula quanto as muitas virgens dos muçulmanos terroristas. A primeira aplicação desse termo na maioria de nossas traduções em português aparece em *Gênesis 15.1*, quando Deus aparece a um Abrão apavorado, com uma possível retaliação de reis que tinha acabado de derrotar para trazer de volta o seu sobrinho Ló. Agora muito preocupado que eles pudessem se reagrupar e pegá-lo desguarnecido, Deus aparece para ele e diz, **“não tenha medo, Abrão, Eu sou o seu protetor e o seu grande galardão”**. Vejam que coisa maravilhosa. O próprio Deus Se dispõe a ser o grande galardão de Abrão. Pode haver maior prêmio que a gente passar a ter um Deus nosso pessoal. Ele passou de fato a ser conhecido como o Deus de Abraão! Além de ser uma recompensa celestial, Deus galardoou imensamente o Seu servo naquele mesmo dia, porque ele poderia gozar desde já da certeza de que ele estava protegido por seu Deus pessoal. Com certeza é disso que o autor de Hebreus está falando. O nosso galardão espiritual por servir a Deus aqui virá tanto no céu como aqui, na forma de intimidade com Deus. Assim como o

galardão dos santos pelos seus atos justos são linho fino, brilhante e puro (*Apocalipse 19.8*) também a nossa intimidade com Deus será refletida aqui na forma como Deus brilha em nós.

Nos versículos 11 e 12 o autor não se dirige aos hebreus como um simples professor, mas como um pastor que ama as ovelhas do seu rebanho. Ele fala como um pai a filhos que gerou e que agora vê correndo o risco de sofrerem eterno dano por estarem sendo relapsos em sua fé, mas é com profunda esperança que ele tenta demovê-los de seu estado de letargia, para que vejam, como ele, o quanto eles precisam estar atentos.

Já nos versículos 13 a 15 o autor está trazendo um exemplo com base no qual quer estimular a fé dos hebreus. Trata-se de uma promessa feita por Deus no âmbito do sacrifício de Isaque solicitado por Deus a Abraão. Muitos anos de tribulações eram já passados e Abraão gozava uma vida estabilizada e tranquila quando Deus, sem que nem porque, lhe pede para ir ao Monte Moriá, onde deveria construir um altar e sacrificar o filho da promessa sobre o mesmo.

Paulo se refere à reação de Abraão em *Romanos 4.18*, dizendo que: “**Abraão, contra toda a esperança, em esperança, creu**”. O próprio autor de Hebreus nos diz que “**Pela fé Abraão, quando Deus o pôs a prova, ofereceu Isaque como sacrifício. Aquele que havia recebido as promessas estava a ponto de sacrificar o seu único filho, embora Deus lhe tivesse dito: “por meio de Isaque a sua descendência será considerada”. Abraão levou em conta que Deus pode ressuscitar os mortos e, figuradamente recebeu Isaque de volta dentre os mortos**” (*Hebreus 11.17-19*).

Passada essa prova, vencida por Abraão com uma fé inabalável, Deus se apresenta a ele em *Gênesis 22.16-17* dizendo: “**Juro por Mim mesmo**”, **declara o Senhor**, “**que por ter feito o que fez, não me negando o seu filho, o seu único filho, esteja certo de que o abençoarei e farei seus descendentes tão numerosos como as estrelas do céu e como as areias das praias do mar**”.

Em meio à crise pela qual estavam passando, é esse o exemplo de fé que o autor propõe aos hebreus. É esse também o exemplo de fé que Deus propõe que consideremos para as nossas vidas.

Os versículos 16 a 18 falam sobre juramentos. As pessoas são chamadas a prestar juramento quando a sua simples palavra é colocada em dúvida. Jurar significa chamar outra pessoa por testemunho. É claro que jurar tomando Deus por testemunha é o juramento de mais alto nível que podemos evocar. Para nós se trata de validar a honestidade de nossas promessas pecaminosas, mas para Deus se trata de dar a nós, que somos tão falhos em nossa fé, uma dupla promessa infalível: a promessa de Deus, que não pode mentir e o Seu juramento, por Si mesmo, que é um Deus infalível. Isso se chama misericórdia para com a nossa fraqueza.

Nos últimos dois versículos, o nosso autor está chegando ao tema central de sua carta, qual seja o papel do nosso novo Sumo Sacerdote. Antes disso, contudo, ele lembrou a

dupla segurança dada a Abraão, o pai da promessa, para introduzir, daqui a pouco, também o juramento relativo ao sacerdócio de Jesus, pelo que estamos ancorados com Ele no interior do véu, onde Ele, nosso precursor, nos representa e nos dá a segurança, que doutra forma jamais poderíamos ter, por não termos como nos aproximar de Deus Pai, salvo pela mediação do Deus-homem Jesus, que é o próprio Deus no relacionamento com o Pai e homem de carne e osso como nós no relacionamento conosco.

Hebreus 7

Versículos 1 a 28

1	Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão, quando voltava da matança dos reis, e o abençoou,
2	para o qual também Abraão separou o dízimo de tudo (primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja, rei de paz;
3	sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus), permanece sacerdote perpetuamente.
4	Considerai, pois, como era grande esse a quem Abraão, o patriarca, pagou o dízimo tirado dos melhores despojos.
5	Ora, os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm mandamento de recolher, de acordo com a lei, os dízimos do povo, ou seja, dos seus irmãos, embora tenham estes descendido de Abraão;
6	entretanto, aquele cuja genealogia não se inclui entre eles recebeu dízimos de Abraão e abençoou o que tinha as promessas.
7	Evidentemente, é fora de qualquer dúvida que o inferior é abençoado pelo superior.
8	Aliás, aqui são homens mortais os que recebem dízimos, porém ali, aquele de quem se testifica que vive.
9	E, por assim dizer, também Levi, que recebe dízimos, pagou-os na pessoa de Abraão.
10	Porque aquele ainda não tinha sido gerado por seu pai, quando Melquisedeque saiu ao encontro deste.
11	Se, portanto, a perfeição houvera sido mediante o sacerdócio levítico (pois nele baseado o povo recebeu a lei), que necessidade haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão?
12	Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei.

13	Porque aquele de quem são ditas estas coisas pertence a outra tribo, da qual ninguém prestou serviço ao altar;
14	pois é evidente que nosso Senhor procedeu de Judá, tribo à qual Moisés nunca atribuiu sacerdotes.
15	E isto é ainda muito mais evidente, quando, à semelhança de Melquisedeque, se levanta outro sacerdote,
16	constituído não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida indissolúvel.
17	Porquanto se testifica: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.
18	Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade
19	(pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus.
20	E, visto que não é sem prestar juramento (porque aqueles, sem juramento, são feitos sacerdotes,
21	mas este, com juramento, por aquele que lhe disse: O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre);
22	por isso mesmo, Jesus se tem tornado fiador de superior aliança.
23	Ora, aqueles são feitos sacerdotes em maior número, porque são impedidos pela morte de continuar;
24	este, no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável.
25	Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.
26	Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus,
27	que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu.
28	Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens sujeitos à fraqueza, mas a palavra do juramento, que foi posterior à lei, constitui o Filho, perfeito para sempre.

O assunto do sacerdócio de Cristo segundo a ordem de Melquisedeque vem sendo mencionado reiteradamente pelo autor, que inclusive já nos alertou que se trata de um tema difícil, apropriado apenas a crentes maduros, mas finalmente, depois de 6 capítulos, chegou a hora de adentrá-lo. Até esse ponto o autor de Hebreus já mencionou o novo sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque algumas vezes, mas é aqui, neste capítulo, que ele procura dar aos seus leitores algumas “dicas” relativas à

identidade desse misterioso personagem do Velho Testamento, bem como a justificativa para a necessidade de um outro sacerdócio, que não o levítico.

Essa informação que o autor de Hebreus está fornecendo nos versículos 1 a 3 ou é nova, ou ele está se referindo à falta dela no texto de Gênesis: Melquisedeque é o único personagem importante cujos pais não são mencionados, também não se diz dele quando nasceu, tampouco se diz quando morreu, a semelhança do que se faz para todos os outros. Suas qualificações são semelhantes às de Jesus e Deus prolonga o seu sacerdócio até os dias de Jesus. Resumindo, não podemos saber se Melquisedeque era um homem comum, de quem nada sabemos, ou na outra ponta das especulações, se era uma pré-aparição do próprio Cristo, que aparece em *Gênesis 14* por um breve instante na vida de Abraão (voltando a aparecer no capítulo 18) e cujo sacerdócio fica em suspenso até os dias de Jesus.

O argumento sustentado nos versículos 4 a 7 diz respeito à superioridade de Melquisedeque em relação a Abraão, que era o detentor das promessas e figura máxima patriarcal do Judaísmo. Se, então, aquele que era a figura do Cristo, era maior que Abraão, com muito mais razão o próprio Cristo. O argumento é simples e tem uma lógica igualmente simples.

Mais uma vez, nos versículos 8 a 10, o argumento é similar ao anterior. O autor está agora confrontando o sacerdócio levítico com o de Melquisedeque e chegando à conclusão que também o primeiro pagou dízimos ao segundo, pelo que o segundo é também maior. É interessante ressaltar a referência dele nesse caso em *Salmos 110.4*:

“O Senhor jurou e não se arrependará: “Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque”.

A interpretação do autor é expressa na frase “naquele de quem se declara que vive”, donde entendemos que vive Melquisedeque, vive no Cristo a figura que ele representa, ou vive Melquisedeque, que é o próprio Cristo em uma teofania. Não sabemos, mas virá o tempo em que poderemos perguntar.

Quando Gênesis fala de Melquisedeque, não consta das informações que recebemos qualquer coisa que fale a respeito de uma ordem sacerdotal. Essa informação só nos é apresentada em *Salmos 110.4* quando Davi, falando do Messias, diz que Ele seria sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque. Essa informação só foi acrescentada cerca de meio milênio após a criação do sacerdócio arônico, mas cerca de um milênio antes da argumentação ora feita, nos versículos 11 e 12, pelo autor de Hebreus. O argumento dele, portanto, está embasado no Velho Testamento e consiste em ressaltar que uma nova ordem sacerdotal, anunciada por Deus através de Davi, só teria sentido se a velha ordem, a arônica, fosse imperfeita e incapaz de realmente garantir o perdão de pecados, pelo que sua natureza seria temporária.

A frase que vem entre parêntesis no versículo 11, falando da origem da Lei, nos lembra da interdependência dela e do sacerdócio. Literalmente o grego fala do estabelecimento

do sacerdócio com base na lei. Ora, se quebramos a lei, passando a ser condenados por ela, faz-se necessária a mediação do sacerdócio e o exercício do sacrifício da vítima substituta para que pudesse haver perdão. Essa interdependência justifica a lógica utilizada para estabelecer a frase seguinte, qual seja, que havendo novo sacerdócio, fica implícita a implantação de nova lei, qual seja a “lei da graça”, da qual Paulo fala várias vezes ao se dirigir aos romanos (ver *Romanos 6.8-14*).

O velho sistema da Lei tinha dois problemas no seu sacerdócio e vamos ver o autor de Hebreus ressaltando ambos: por um lado, os próprios sacerdotes eram imperfeitos por serem eles mesmos pecadores carentes de perdão e, segundo, porque o sacrifício era igualmente imperfeito. Era uma vítima que não queria morrer e não sabia o que se estava passando. A mudança do sacerdócio traz consigo a mudança da lei, não no sentido em que a lei seja outra, mas na forma como esta se faz cumprir amplamente.

O reconhecimento da natureza messiânica do texto de *Salmos 110* não deixa qualquer dúvida de que os judeus tinham conhecimento da vinda de um sacerdote que não seria levita, ou seja, de descendência arônica. O fato do versículo 2 desse salmo falar do extensivo cetro de poder desse personagem ressalta a Sua natureza real, pela qual a Sua ascendência davídica fica implícita. Esse fato é confirmado, ainda, pelas inúmeras vezes em que Jesus é associado ao título de “Filho de Davi” (ver, por exemplo, *Mateus 15:22*). Exatamente por isso, fica surpreendente o fato de terem sido feitas inúmeras tentativas, na era pós-apostólica, de associarem Jesus à tribo de Levi, com o intuito de mostrar que Ele preencheu os dois ofícios. Isso obviamente é desnecessário porque Ele, não obstante ser da tribo de Judá, conforme indicado nos versículos 13 e 14, efetivamente uniu os dois ofícios, mas não como sacerdote levítico e, sim, como sendo da ordem de Melquisedeque.

Nos versículos 15 a 17 Jesus é declarado um outro sacerdote semelhante a Melquisedeque. Se por um lado não temos muita informação sobre Melquisedeque, nós conhecemos bem de que trata a vida “indestrutível” de Jesus. Sabemos que Ele é sem pecado e eterno. Assim, mesmo não querendo especular, acabamos adicionando mais qualificações a Melquisedeque, que nos permitem tender para a hipótese de teofania, pois jamais seria sem pecado se fosse um humano comum. Além disso, o fato de Jesus se ter tornado Sumo Sacerdote, não por simplesmente pertencer à família certa dos descendentes de Arão e, sim, por ter sido objeto da convocação do Deus Altíssimo, graças às Suas qualificações, reveste o Seu sacerdócio de muito maior importância que o de Arão.

A ordenança anterior a que o autor se refere, no versículo 18, é a Lei Mosaica, e tal afirmação não indica que se trate de uma lei ruim, porque o próprio Paulo se refere a ela dizendo que é santa, justa e boa. Sua inutilidade reside, contudo, no fato de ser boa apenas para aquele que consegue viver por ela, ou seja: ninguém, porque estamos todos vendidos debaixo do pecado. Se não fôssemos pecadores, a Lei atestaria nossa justiça, mas pelo fato de o sermos, ela apenas nos acusa. Os sacrifícios levíticos, por sua vez, apenas atenuam nossa desgraça. Na Nova Aliança, contudo, sob a lei da graça, é nos

concedido o privilégio de adentrarmos o Santo dos Santos, aproximando do pessoalmente do Deus vivo. Além disso, temos o Espírito Santo santificando as nossas vidas, dando-nos o poder de vencer o pecado e juntamente uma esperança que nunca antes esteve acessível àqueles que viviam sob a Lei. Como poderiam, agora, os hebreus sequer pensar em trocar a nova esperança pela velha frustração de serem incapazes de viver segundo a Lei?

Nos versículos 20 a 22 estamos diante de mais um maravilhoso argumento da lógica do autor de Hebreus. Ele consubstancia o fato da Lei, e do sacerdócio associado, serem ambos transitórios. Neste caso ele chega a comparar alianças e conclui pela superioridade da Nova Aliança em relação à Velha. O principal argumento para tanto, primeiramente, está relacionado com a transitoriedade dos sacerdotes da primeira. Eles mesmos, por serem mortais, eram transitórios. Além disso, ele se vale novamente do juramento divino como argumento. Tudo que havia sido dito em relação ao juramento que Deus fez a Abraão volta a se aplicar aqui em seu juramento feito a Jesus. Ele, por ser empossado com juramento e por ser eterno, se torna a garantia da própria aliança que media.

O texto de 23 a 25 começa ainda ressaltando a transitoriedade dos sacerdotes arônicos em comparação com a perpetuidade do sacerdócio de Jesus, mas o ponto alto da comparação está focalizado na perfeita mediação do segundo, por força de ser eterno e poder cumprir a segunda parte de sua função, qual seja a de interceder pelos salvos por Ele.

Deus provê para a gente sempre o melhor. Enquanto não veio a plenitude dos tempos, houve uma mediação temporária, mas a qualidade da perfeição só existe em Jesus. Ele é santo, inculpável, puro, não é contado entre os pecadores e é exaltado acima dos céus. Não há como falar senão do grande amor de Deus por nós, provendo o que há de melhor pela Sua maravilhosa graça.

No versículo 27 é ressaltado o contraste de Jesus com os outros. Os comentaristas dedicam muitas páginas a explicar porque o autor teria dito que o Sumo Sacerdote arônico precisa oferecer dia a dia sacrifícios por seus próprios pecados. É um assunto supérfluo, mas a necessidade de fazê-lo, porque seus pecados eram diários, não significa que o faziam diariamente. O importante aqui é ressaltar o sacrifício único de Jesus e a total suficiência do mesmo.

O Filho aperfeiçoado para sempre é um problema para alguns comentaristas. Uma nota de rodapé na NVI mostra que o texto grego diz “aperfeiçoado” e não perfeito. A dificuldade é o reconhecimento de que Jesus precisou ser aperfeiçoado por ter-se contaminado com nossos pecados. Se considerarmos, contudo, que nossa salvação só existe devido à ressurreição, ou seja, estaríamos mortos em nossos pecados se Ele não tivesse ressuscitado (*1 Coríntios 15.17*), temos que reconhecer que existe uma ocorrência do plano de Deus associado à ressurreição que não só uma demonstração da vitória de Jesus sobre a morte.

Romanos 4.25 nos diz que Jesus morreu pelos nossos pecados, mas que a nossa justificação está associada à ressurreição. A nossa justificação não é nossa e, sim, dEle. Assim sendo, Ele também só foi justificado dos nossos pecados quando Ele foi ressuscitado por Deus Pai (*Romanos 8.11*). Se esse argumento não bastasse, também sabemos que Jesus era eterno, pois Ele mesmo declarou que tinha autoridade sobre Sua vida (*João 10.17-18*). Mas quando ressuscita, Ele Se torna o Primogênito dentre muitos irmãos (*Romanos 8.29*), ganhando vida eterna (*ICoríntios 15.23*). Esse assunto é supérfluo, mas este é apenas mais um local onde aparece.

Hebreus 8

Versículos 1 a 13

1	Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus,
2	como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.
3	Pois todo sumo sacerdote é constituído para oferecer tanto dons como sacrifícios; por isso, era necessário que também esse sumo sacerdote tivesse o que oferecer.
4	Ora, se ele estivesse na terra, nem mesmo sacerdote seria, visto existirem aqueles que oferecem os dons segundo a lei,
5	os quais ministram em figura e sombra das coisas celestes, assim como foi Moisés divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo; pois diz ele: Vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte.
6	Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.
7	Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para uma segunda.
8	E, de fato, repreendendo-os, diz: Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá,
9	não segundo a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os conduzir até fora da terra do Egito; pois eles não continuaram na minha aliança, e eu não atentei para eles, diz o Senhor.
10	Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: na sua mente imprimirei as minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.

11	E não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior.
12	Pois, para com as suas iniquidades, usarei de misericórdia e dos seus pecados jamais me lembrarei.
13	Quando ele diz Nova, torna antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido está prestes a desaparecer.

O assunto do sacerdócio de Cristo segundo a ordem de Melquisedeque continua agora com o autor mostrando como este se encaixa na Nova Aliança ao qual está associado.

Os versículos 1 e 2 são uma espécie de comentário relativo ao que foi dito até aqui. Poderíamos parafraseá-lo dizendo: “Resumindo, esse é o Sumo Sacerdote que temos, o qual Se assenta à direita de Deus e que serve agora, a nosso favor, no verdadeiro tabernáculo celestial”.

Alguns comentaristas gostam de pensar no “verdadeiro tabernáculo” como o corpo do nosso Senhor, mas o contexto não dá margem a qualquer interpretação desse tipo, principalmente porque o próprio texto, logo adiante (versículo 5), lembra que foi dito a Moisés que ele copiasse o modelo do santuário mostrado a ele no monte. À luz do santuário construído, obviamente o que ele viu foi bastante semelhante, e não o corpo do Salvador, que deixou os discípulos confusos quando Jesus o mencionou (*João 2.19-21*).

O autor repete, no versículo 3, o que já tinha dito em Hebreus 5.1, ou seja, que todo Sumo Sacerdote é escolhido para apresentar ofertas e sacrifícios pelo pecado. Assim sendo, é de se esperar que o nosso Sumo Sacerdote também tenha “alguma coisa” para oferecer. Ao dizer que ele na terra nada seria, ele começa a estabelecer uma diferença importante entre o “terrestre” e o “celestial”. Essa diferença continua a ser explorada na continuidade do texto.

Êxodo 25.40, citado no versículo 5, nos dá a entender que o santuário celestial, que foi mostrado a Moisés, feito por mãos de Deus, é pré-existente. Segue que o temporário, qual seja, o terrestre, que era cópia e sombra do verdadeiro, não pode ser igual. O resultado é que os sacerdotes levíticos servem num santuário inferior.

Como já tínhamos visto que o sacerdócio de Jesus é superior ao levítico, o próximo passo é mostrar que a Nova Aliança é superior à Mosaica, sendo exatamente esse o argumento que o autor apresenta a seguir.

O texto nos informa que Jesus “recebeu” um ministério superior, mas outras traduções utilizam termos como “obteve” e “alcançou”, dando a Jesus uma participação mais ativa neste ministério. Isso é confirmado por vários comentaristas, que dizem transparecer no grego original o mérito de Jesus, graças a Quem foi viabilizada a nova aliança feita

através do Seu próprio sangue, oferecido de uma vez por todas. Daí a lógica inquestionável do autor de Hebreus, ao dizer que se trata de um ministério superior, qual seja, mediar uma aliança superior baseada em promessas superiores. Mais uma vez se trata de um ministério celestial, substituindo um terrestre, associado a uma aliança celestial, que confere solução definitiva ao pecado do homem, abrindo o caminho para que se relacione diretamente com o Pai Celestial, graças ao mediador que atua no santuário celestial.

É o temporário terrestre cedendo lugar à uma aliança eterna e celestial, garantida duplamente pelo juramento do Deus eterno.

Embora a tradução desse versículo indique claramente que a Nova Aliança tenha sido anunciada por Jeremias, porque Deus estava declarando a velha anulada por falta de cumprimento, o contexto do autor de Hebreus não parece, segundo alguns comentaristas, assegurar essa interpretação. Segundo estes a falta pode ter sido encontrada tanto no povo (que certamente pecou) como na Velha Aliança (que não tinha condição de resolver o problema do pecado). Seja como for, o texto de Jeremias é muito conhecido.

O texto de Jeremias certamente precisa ser entendido como um refrigério num tempo de total desastre e desrespeito pela Lei, que caracterizava a primeira aliança. O povo estava prestes a ser levado em cativo. Assim como a comunidade de Israel havia sido destruída pela Assíria, agora a de Judá estava prestes a encarar o mesmo destino, com as tropas de Nabucodonozor sitiando os muros de Jerusalém. Jeremias havia pregado a destruição, agora às portas, por falta de arrependimento, mas em meio ao cumprimento de sua profecia, ele agora prega a reconciliação do irreconciliável, o perdão dos pecados em meio ao duro castigo e a graça de Deus num ambiente de castigo devido à sua ira. Esse é o Deus cuja misericórdia se renova a cada manhã.

Nesta nova aliança o ponto alto é a habitação interior de Deus, fazendo com que sejam dispensáveis as tábuas de pedra, pois a mensagem será local, transformando o homem de dentro para fora.

A simples referência a uma “nova” aliança de fato qualifica a anterior como “velha”, pelo que está fadada a desaparecer. A tradução parece dar a entender que, não obstante a profecia de Jeremias, ainda assim parece que a prática do sacerdócio levítico ainda estava em atividade. Isso nos asseguraria que o autor de Hebreus estaria escrevendo antes do ano 70, que determinou o fim do templo e dos sacrifícios, quando da destruição de Jerusalém.

Hebreus 9

Versículos 1 a 28

1	Ora, a primeira aliança também tinha preceitos de serviço sagrado e o seu santuário terrestre.
2	Com efeito, foi preparado o tabernáculo, cuja parte anterior, onde estavam o candeeiro, e a mesa, e a exposição dos pães, se chama o Santo Lugar;
3	por trás do segundo véu, se encontrava o tabernáculo que se chama o Santo dos Santos,
4	ao qual pertencia um altar de ouro para o incenso e a arca da aliança totalmente coberta de ouro, na qual estava uma urna de ouro contendo o maná, o bordão de Arão, que floresceu, e as tábuas da aliança;
5	e sobre ela, os querubins de glória, que, com a sua sombra, cobriam o propiciatório. Dessas coisas, todavia, não falaremos, agora, pormenorizadamente.
6	Ora, depois de tudo isto assim preparado, continuamente entram no primeiro tabernáculo os sacerdotes, para realizar os serviços sagrados;
7	mas, no segundo, o sumo sacerdote, ele sozinho, uma vez por ano, não sem sangue, que oferece por si e pelos pecados de ignorância do povo,
8	querendo com isto dar a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santo Lugar não se manifestou, enquanto o primeiro tabernáculo continua erguido.
9	É isto uma parábola para a época presente; e, segundo esta, se oferecem tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto,
10	os quais não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, e bebidas, e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma.
11	Quando, porém, veio Cristo como sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação,
12	não por meio de sangue de bodes e de bezerras, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção.
13	Portanto, se o sangue de bodes e de touros e a cinza de uma novilha, aspergidos sobre os contaminados, os santificam, quanto à purificação da carne,
14	muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!
15	Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados.
16	Porque, onde há testamento, é necessário que intervenha a morte do testador;

17	pois um testamento só é confirmado no caso de mortos; visto que de maneira nenhuma tem força de lei enquanto vive o testador.
18	Pelo que nem a primeira aliança foi sancionada sem sangue;
19	porque, havendo Moisés proclamado todos os mandamentos segundo a lei a todo o povo, tomou o sangue dos bezerros e dos bodes, com água, e lã tinta de escarlate, e hissopo e aspergiu não só o próprio livro, como também sobre todo o povo,
20	dizendo: Este é o sangue da aliança, a qual Deus prescreveu para vós outros.
21	Igualmente também aspergiu com sangue o tabernáculo e todos os utensílios do serviço sagrado.
22	Com efeito, quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e, sem derramamento de sangue, não há remissão.
23	Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos céus se purificassem com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios a eles superiores.
24	Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus;
25	nem ainda para se oferecer a si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santo dos Santos com sangue alheio.
26	Ora, neste caso, seria necessário que ele tivesse sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo; agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado.
27	E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo,
28	assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação.

Continua aqui a comparação iniciada no capítulo anterior entre o transitório e o eterno, entre o terrestre e o celestial, entre a Velha e a Nova Aliança. Tudo isso dentro do estilo normal do autor de mostrar que tudo que diz respeito a Jesus é superior e pertencente à esfera da nova aliança, que é eterna e celestial.

Neste primeiro versículo, ele inclui o culto judaico e a adoração associada como igualmente terrestres e transitórios. Sem dúvida isso nos faz pensar no nosso próprio culto e o quanto ele se assemelha com aquele que um dia praticaremos lá no céu e do qual o nosso deveria ser “sombra e imitação”. Quando Jesus diz para a samaritana que **“os verdadeiros adoradores, buscados pelo Pai, são aqueles que o fazem em espírito e em verdade”** (João 4.23), certamente é a adoração celestial que Ele tem em mente. Como é a nossa? É fácil reconhecer os desvios causados pela liturgia.

No texto que abrange os versículos 2 a 10, o autor descreve o tabernáculo de Moisés e o formalismo dos sacrifícios. É, no mínimo, curioso que ele parece posicionar erradamente o altar de ouro de incenso, colocando-o no Santo dos Santos ao invés de mantê-lo no Lugar Santo, como vemos em *Êxodo 30.29*. Perde-se muito tempo tentando explicar isso, mas vamos simplesmente mencionar o fato e passar adianta, visto que isso em nada altera os argumentos que estão sendo apresentados.

O próprio autor reconhece que a menção desses objetos está sendo feita apenas para situar os seus leitores na sua descrição, mas que maiores detalhes são desnecessários neste momento. O objetivo dele, principal, é confrontar aquilo que é sombra e cópia, com aquilo que é original e verdadeiro.

O serviço do santuário, descrito a partir do versículo 6, era realizado pelos sacerdotes levíticos, cujas atividades no Lugar Santo podem ser resumidos a: manter acesas as lâmpadas do candeeiro de sete lâmpadas em todo o tempo (*Êxodo 27.20*), comparecer ao altar de incenso toda manhã e toda noite quando vinham cuidar das lâmpadas, para tornar perpétua a queima de incenso (*Êxodo 30.7*) e substituir, semanalmente, aos sábados, os pães da proposição, que ficavam sobre a mesa de ouro.

Já o serviço no Santo dos Santos era realizado pelo Sumo Sacerdote e somente no dia da Expição, que ocorria no décimo dia do sétimo mês, qual seja, o de Tishri. O ritual dessa cerimônia é descrito no capítulo 16 do livro de Levítico e principia com o Sumo Sacerdote entrando no Lugar Santo com um novilho e um bode, que seriam degolados e oferecidos, um de cada vez, respectivamente, por si mesmo e pelo pecado do povo. Ele entrava no Santo dos Santos a primeira vez levando o sangue do novilho, que seria espargido sobre o propiciatório. Depois saía e derramava o sangue sobre o altar defronte do véu. A seguir degolava o bode e procedia de igual modo agindo desta vez para a propiciação dos erros de todo o povo. A palavra grega utilizada para erros significava na realidade “inocências”, visto que não havia provisão na Lei senão para os chamados pecados involuntários. Lembramos que os pecados praticados em rebeldia contra Deus não tinham perdão porque equivaliam à apostasia prevista em *Hebreus 6.4-6*.

Os pecados involuntários incluíam aqueles praticados voluntariamente, mas por fraqueza (um exemplo é o roubo - visto que ninguém é capaz de roubar involuntariamente no sentido absoluto do termo, mas era um pecado perdoável). O arrependimento é aplicável a todos os pecados menos à apostasia voluntária.

O Espírito Santo é aquele que revela a Palavra de Deus ao homem. O autor de *Hebreus* está dizendo, no início do versículo 8, que esta foi a forma dEle de mostrar que, enquanto permanecesse o Lugar Santo, o povo não tinha acesso ao Santo dos Santos, ou seja, à presença de Deus. A profecia de Jeremias, no sentido de que “todos O conheceriam”, não poderia se materializar. Pecados só poderiam ser realmente perdoados pelo verdadeiro sangue, qual seja, o do verdadeiro Cordeiro; assim, “temporariamente” continuava a haver apenas sacrifícios oferecidos que não podiam dar ao adorador uma consciência perfeitamente limpa. Tratava-se apenas de prescrições à base de comida e bebida (ceia por exemplo?) e de várias cerimônias de purificação com água (qual seja o

batismo?), que foram impostas na forma de ordenanças exteriores até o tempo da nova ordem. Não há dúvida de que a perpetuação destas mesmas ordenanças, como elementos salvadores na nova ordem, as torna uma fraude e não mais um símbolo como na primeira ordem.

Já Jesus, o Sumo Sacerdote dos bens permanentes, adentrou o verdadeiro tabernáculo celestial, não feito por mãos humanas, levando consigo, não o sangue de bodes e bezerras, mas o Seu próprio sangue derramado na cruz, para conquistar, de uma vez por todas, a eterna redenção que Deus nos oferece gratuitamente.

Nos versículos 13 e 14 o autor volta ao tema da superioridade do sacrifício do Sumo Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque oferecendo a Si mesmo como oferta imaculada, tendo a capacidade de purificar as nossas consciências, o que não podia ser alcançado pelo sacrifício temporário e terrestre do sangue de bodes e touros. Já havia sido dito que o sacrifício desses animais era um mero simbolismo, pelo que, se os pecados não eram efetivamente perdoados, era impossível que a nossa sensação de culpa pudesse ser apagada. Isso só poderia ser alcançado mediante o verdadeiro perdão e a presença do Espírito Santo em nossos novos espíritos, testificando que somos filhos de Deus (*Romanos 8.16*). Por isso mesmo, temos em nós mesmos a convicção de que **“nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, os quais não andam mais segundo a carne mas segundo o Espírito”**.

A parte do versículo 13 que fala a respeito de cinzas de uma novilha espalhadas sobre os que estão cerimonialmente impuros, tem produzido, mais uma vez, longas discussões entre os teólogos, mas que pouco acrescentam à interpretação do texto, pelo que mais uma vez deixaremos de abordar o assunto.

É muito importante ressaltar que o autor de Hebreus hora nenhuma fala da introdução da Nova Aliança como uma solução para as deficiências da primeira, por ter esta falhado. Devemos lembrar que o nosso Deus é Onipotente, Onisciente e Onipresente. Assim sendo, não há, nunca houve, nem haverá correção de rumo no plano divino devido a insuficiências do mesmo. Quando Paulo fala de Jesus Cristo crucificado antes da fundação do mundo, é exatamente disso que ele está falando. Deus sabia que Adão pecaria e podemos dizer que Deus fez uso disso, dando a ele livre arbítrio, para que pudesse escolher, de livre e espontânea vontade, responder ao amor divino e amá-LO de volta, buscando ter com Ele uma relação íntima. Para isso, seria necessário lidar com os pecados do homem. O plano foi iniciado com Abraão, a quem Deus fez promessas, e a quem Deus, figuradamente, deu o Seu Filho em resgate por Isaque. Jesus registra que Abraão viu o Seu dia; provavelmente o de Sua crucificação, e alegrou-se (*João 8.56*). Deus nos faz revelações maravilhosas quando mais necessitamos delas. Em meio à crise da necessidade de obedecer a Deus sacrificando Isaque, nada poderia alegrar mais o coração de Abraão, que a certeza de que Deus proveria um substituto.

Paulo, escrevendo aos gálatas, fala da Aliança feita por Deus com Abraão e sua anterioridade à Lei Mosaica (*Gálatas 3.15-18*). Na continuidade deste mesmo texto, contudo, Paulo fala da natureza transitória da Velha Aliança, enquanto não chegasse “o

Descendente” a Quem diziam respeito as Promessas. Mais uma vez (ele também o fizera em *Romanos 11.32*) e afirma que “Deus encerrou tudo (e todos) debaixo do pecado para com todos usar de misericórdia, através da graça materializada em Jesus, para aqueles que creem nas mesmas promessas feitas a Abraão”. Vemos, assim, que a Nova Aliança era de fato nova para o povo de Israel, que estava vivendo (ou falhando por não conseguir viver) segundo a Velha, mas para nós, os que cremos nas promessas feitas a Abraão, é, na realidade, a Aliança Eterna, que vigora desde antes da fundação do mundo e que foi prometida a Adão e depois a Abraão.

Este versículo, além de lembrar que Jesus é Mediador dessa maravilhosa, eterna e celestial aliança, também nos informa que todos os que morreram na Velha Aliança, sem alcançar as promessas, do ponto de vista temporal, tiveram acesso a elas pela fé, no sentido de que a morte dEle se aplica igualmente a eles. Além disso, as promessas de uma cidade futura são igualmente alcançadas por eles pela fé nAquele que havia de vir.

Aqui no versículo 16, a palavra grega usada para testamento é válida tanto para aliança como para testamento, havendo alguns comentaristas que insistem em traduzi-la como aliança para que haja continuidade na lógica do versículo 15 e também porque não haveria este tipo de testamento, segundo eles, na época em que Hebreus foi escrita. O contexto, contudo, do restante do versículo 17 não deixa margem de dúvida de que o autor está dizendo que há uma analogia entre uma aliança e um testamento, no tocante ao recebimento das bênçãos prometidas sob a primeira. Da mesma forma como o perdão era atrelado ao derramamento do sangue perfeito de Cristo, de igual modo, o recebimento das bênçãos associadas à sua morte como se fosse um verdadeiro testamento.

Vemos mais uma vez a lógica perfeita do autor funcionando para mostrar que Cristo é o cumprimento não apenas da Lei, mas também das promessas feitas sob a mesma. A intenção do autor é mostrar que a inauguração da primeira aliança, e tudo que diz respeito a ela, foi feita com sangue, embora novamente sangue de animais. A verdadeira inauguração das coisas celestiais, contudo, foi efetuada com um sacrifício superior, qual seja, o sangue do Cordeiro eterno.

Além disso, o versículo 24 nos diz que Cristo não entrou em santuário feito por homens, uma simples representação do verdadeiro; ele entrou nos céus, para agora Se apresentar diante de Deus em NOSSO FAVOR.

Além disso, Seu papel sacerdotal é novamente ressaltado nos versículos 25 e 26, onde o sacrifício único e de validade eterna realizado por Jesus é confrontado com o sacrifício repetido anualmente pelos sacerdotes levíticos.

Os versículos 27 e 28 formam o texto mais bem conhecido do livro de Hebreus, usado com muita frequência como argumento contra a reencarnação. Não obstante a validade desse uso, não é essa, de forma alguma, a ênfase que o autor tinha em mente.

O pensamento dele parece se voltar para as duas vezes em que o Sumo Sacerdote entrava no Santo dos Santos no dia da Expição. Primeiro ele entrava por si mesmo, mas a grande expectativa era por sua saída na segunda vez, quando estaria assegurado o perdão de pecados de todo o povo. Jesus, de igual forma, se ofereceu a primeira vez para tirar os pecados de muitos (parece uma referência a *Isaías 53.11*), mas voltará uma segunda para aqueles que o aguardam em vitória (que bem pode ser uma referência a *Isaías 53.12*).

Hebreus 10

Versículos 1 a 39

1	Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem.
2	Doutra sorte, não teriam cessado de ser oferecidos, porquanto os que prestam culto, tendo sido purificados uma vez por todas, não mais teriam consciência de pecados?
3	Entretanto, nesses sacrifícios faz-se recordação de pecados todos os anos,
4	porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados.
5	Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste;
6	não te deleitaste com holocaustos e ofertas pelo pecado.
7	Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade.
8	Depois de dizer, como acima: Sacrifícios e ofertas não quiseste, nem holocaustos e oblações pelo pecado, nem com isto te deleitaste (coisas que se oferecem segundo a lei),
9	então, acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade. Remove o primeiro para estabelecer o segundo.
10	Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.
11	Ora, todo sacerdote se apresenta, dia após dia, a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover pecados;
12	Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus,
13	aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés.

14	Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados.
15	E disto nos dá testemunho também o Espírito Santo; porquanto, após ter dito:
16	Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei no seu coração as minhas leis e sobre a sua mente as inscreverei,
17	acrescenta: Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre.
18	Ora, onde há remissão destes, já não há oferta pelo pecado.
19	Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus,
20	pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne,
21	e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus,
22	aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura.
23	Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel.
24	Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras.
25	Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima.
26	Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados;
27	pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários.
28	Sem misericórdia morre pelo depoimento de duas ou três testemunhas quem tiver rejeitado a lei de Moisés.
29	De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?
30	Ora, nós conhecemos aquele que disse: A mim pertence a vingança; eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo.
31	Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo.
32	Lembrai-vos, porém, dos dias anteriores, em que, depois de iluminados, sustentastes grande luta e sofrimentos;
33	ora expostos como em espetáculo, tanto de opróbrio quanto de tribulações, ora tornando-vos co-participantes com aqueles que desse modo foram tratados.

34	Porque não somente vos compadecesteis dos encarcerados, como também aceitastes com alegria o espólio dos vossos bens, tendo ciência de possuídes vós mesmos patrimônio superior e durável.
35	Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão.
36	Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa.
37	Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará;
38	todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma.
39	Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma.

A esta altura temos a impressão de que o assunto da superioridade do sacrifício e do sacerdócio de Cristo está suficientemente bem demonstrado, mas o autor nos surpreende voltando a bater nessa tecla, principalmente nos versículos 1 a 18.

Mais uma vez é ressaltado que Lei serve apenas para identificar o pecado, mas que os sacrifícios da mesma são insuficientes para dar àqueles que por ela vivem a sensação de perdão dos mesmos, pelo simples fato de não estarem pagos. O pagamento era aguardado pela fé no sacrifício perfeito a ser apresentado na plenitude dos tempos por Jesus, o Messias. Hughes destaca isso através de 4 pontos principais:

- a) O sistema mosaico era de natureza etérea, pois representava apenas a “sombra dos bens futuros”, que eram verdadeiros;
- b) Os sacrifícios do AT eram de natureza repetitiva, o que conflita com o objetivo a ter alcançado, qual seja, a certeza de perdão;
- c) A função dos sacrifícios levíticos era o perdão dos pecados, mas o autor de Hebreus nos mostra como acabavam tendo um efeito colateral indesejável, qual seja, fazer com que nos recordemos dos mesmos pecados;
- d) O sangue dos animais substitutos era ineficiente, por não serem eles um substituto perfeito.

Nos versículos 5 a 7 o autor faz uma citação do texto de *Salmos 40.6-8*, conforme traduzido na Septuaginta, para logo a seguir fazer a aplicação ao sacrifício de Jesus. O autor justifica assim, mais uma vez, a remoção do primeiro concerto para o estabelecimento do segundo (versículo 9).

Nos versículos 10 a 14 ele nos relembra acerca de como o sacrifício de Jesus aperfeiçoou, para sempre, aqueles que estão sendo santificados (versículo 14). O fato do aperfeiçoamento estar no passado, enquanto a santificação está se processando, é uma clara distinção que o autor faz entre o novo nascimento e o processo de santificação.

Tendo feito com que seus leitores reconheçam que Deus cumpriu todas as Suas promessas feitas no âmbito da Nova Aliança, especificamente aquela, segundo a qual

não mais Se lembra de seus pecados (versículos 16 e 17), eles são encorajados a exercitar a sua confiança, entrando no Santo dos Santos pelo Novo e Vivo Caminho que Jesus inaugurou (versículos 19 e 20).

No âmbito dessa nova aliança, nos é dado ter certeza de fé, um coração purificado da má consciência, e o corpo lavado com água limpa, porque o nosso mediador é fiel em todas as promessas que nos fez (versículos 21 a 23).

Nos versículos 24 e 25, o autor de Hebreus escreve incentivando os seus leitores ao amor e às boas obras, lembrando que isso é o papel da Igreja, pelo que os exorta a não deixarem de frequentá-la. Pelo contrário, ele lembra a eles que o templo é um lugar de encorajamento mútuo à medida que a volta de Cristo se aproxima.

Os versículos 26 a 31 falam sobre o pecado na vida dos filhos de Deus. Aqui o autor de Hebreus exorta seus leitores a atentarem para a “severidade de Deus” em relação a pecados deliberados. Cabe perguntar aqui se ele estaria mais uma vez falando de perda de salvação. Certamente esse texto tem dado margem a interpretações nesse sentido, que têm deixado muita gente oprimida pela “terrível expectativa de juízo e de fogo” e se perguntando se agora engrossam as fileiras dos inimigos de Deus.

Não podemos deixar de lembrar que o sentido do “pecado voluntário” é o de pecado feito em rebeldia contra Deus (*Hebreus 6.4-6*). A ganância que leva uma pessoa a roubar é voluntária, mas aparece no AT como um pecado pelo qual podem ser oferecidos sacrifícios. Logo não é a este voluntário que o texto se refere. Claro que não se trata aqui de sair em defesa do pecado, mas sim de evitar a formação de “hipocondríacos espirituais”. Os versículos 28 e 29 confirmam essa interpretação.

O autor se refere aqui a alguns episódios do AT em que as pessoas haviam pecado em rebeldia contra Deus e foram mortas em função do testemunho de pelo menos 2 ou 3 testemunhas que tenham presenciado a ocorrência do fato. Um exemplo disso é encontrado em *Levítico 24.10-23*, onde o filho de um egípcio blasfemou o Nome do Senhor depois de ter brigado com um israelita. O texto nos diz que ele foi apedrejado. O autor de Hebreus nos ressalta 3 motivos para esta dura sentença:

- a) Pisou aos pés o Filho de Deus - isso corresponde a tratá-lo como totalmente imprestável. Quando alguém peca de maneira voluntária, vencido pelos desejos da carne, isso não implica em considerar Jesus como uma figura imprestável. Muito pelo contrário; o crente se sente mal por ter falhado;
- b) Profanou o sangue da aliança pelo qual foi santificado - este certamente foi o caso do jovem filho de egípcio, mas não está implícito em todo pecado. O apóstata faz pouco caso do precioso sangue de Jesus derramado em seu lugar, mas o crente vencido pelo pecado sente vergonha do seu ato e clama por perdão;
- c) Insultou o Espírito da Graça - Paulo nos fala que os nossos pecados entristecem o Espírito da Graça com o qual fomos selados (*Efésios 4.30*). Isso é muito diferente de insultá-lo. *Marcos 3.22-30* traz o relato de um encontro de Jesus com mestres da lei, que

O acusavam de estar endemoniado e de estar expulsando demônios pelo espírito de Belzebu.

Nos versículos 30 e 31, as primeiras duas citações têm origem no discurso de despedida de Moisés (*Deuteronômio 32.35-36*) e lembram bem as palavras paulinas expressas em *Romanos 11.22*.

No versículo seguinte, o autor elogia o comportamento dos hebreus nos primeiros dias, quando haviam sido iluminados, ou seja, por ocasião de sua conversão. Eles já tinham sofrido perseguição, que resultou na perda de bens e no sofrimento de insultos, mas eles não apenas resistiram, como também ajudaram os outros a resistir de igual forma. O fato de terem sido iluminados não foi escondido debaixo de alguma vasilha (*Mateus 5.15*), mas sua luz brilhara de modo que outros a vissem.

Também o versículo 34 reforça a real conversão dos hebreus, a quem a carta foi escrita. Calvino observa que “quando o sentimento dos bens celestiais prevalece, não há qualquer espaço para o mundo e sua sedução, de modo que sentimentos associados à pobreza ou à vergonha não podem nos entristecer”.

Os versículos 35 e 36 ressaltam que a apostasia não faz qualquer sentido depois de tudo pelo que esses hebreus já passaram, pelo que não devem abrir mão da confiança que já demonstraram. O autor lembra que há uma grande recompensa associada, que será igualmente perdida em caso de apostasia. Será que deixamos de falar de graça e passamos a falar de mérito? Claro que não, mas a nossa confiança em meio à tribulação é recompensada com incomparável glória, por nos mantermos fiéis até o fim (*Romanos 8.18*). Nossa recompensa, segundo Pedro, é também uma herança incorruptível, que nos foi preparada nos céus (*IPedro 1.4*). De igual forma haverá uma coroa de justiça para aqueles de nós que amarem a vinda do Senhor Jesus (*II Timóteo 4.8*). A perseverança em fazermos a vontade de Deus, em meio à adversidade, assegura o recebimento das recompensas que nos foram dadas gratuitamente no Amado (*Efésios 1.6*).

O encerramento desse capítulo começa com duas citações da tradução do AT para o grego. “Aquele que vem virá e não demorará” parece vir de *Isaías 26.20*, enquanto vem de *Habacuque 2.4* o versículo que diz que “o meu justo viverá pela fé e se retroceder não me agradarei dele”. Mais uma vez temos uma interpretação livre da Septuaginta, mas que não fere o sentido original do texto.

Para finalizar, o raciocínio e a advertência o autor se inclui entre os hebreus destinatários de sua carta e diz “que nós não somos dos que retrocedem e são destruídos, mas dos que creem e são salvos”.

Hebreus 11

Versículos 1 a 40

1	Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem.
2	Pois, pela fé, os antigos obtiveram bom testemunho.
3	Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem.
4	Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim; pelo qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas. Por meio dela, também mesmo depois de morto, ainda fala.
5	Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o trasladara. Pois, antes da sua trasladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus.
6	De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam.
7	Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação de sua casa; pela qual condenou o mundo e se tornou herdeiro da justiça que vem da fé.
8	Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia.
9	Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa;
10	porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador.
11	Pela fé, também, a própria Sara recebeu poder para ser mãe, não obstante o avançado de sua idade, pois teve por fiel aquele que lhe havia feito a promessa.
12	Por isso, também de um, aliás já amortecido, saiu uma posteridade tão numerosa como as estrelas do céu e inumerável como a areia que está na praia do mar.
13	Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra.
14	Porque os que falam desse modo manifestam estar procurando uma pátria.
15	E, se, na verdade, se lembrassem daquela de onde saíram, teriam oportunidade de voltar.
16	Mas, agora, aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade.
17	Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque; estava mesmo para sacrificar o seu unigênito aquele que acolheu alegremente as promessas,

18	a quem se tinha dito: Em Isaque será chamada a tua descendência;
19	porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou.
20	Pela fé, igualmente Isaque abençoou a Jacó e a Esaú, acerca de coisas que ainda estavam para vir.
21	Pela fé, Jacó, quando estava para morrer, abençoou cada um dos filhos de José e, apoiado sobre a extremidade do seu bordão, adorou.
22	Pela fé, José, próximo do seu fim, fez menção do êxodo dos filhos de Israel, bem como deu ordens quanto aos seus próprios ossos.
23	Pela fé, Moisés, apenas nascido, foi ocultado por seus pais, durante três meses, porque viram que a criança era formosa; também não ficaram amedrontados pelo decreto do rei.
24	Pela fé, Moisés, quando já homem feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó,
25	preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado;
26	porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão.
27	Pela fé, ele abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei; antes, permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível.
28	Pela fé, celebrou a Páscoa e o derramamento do sangue, para que o exterminador não tocasse nos primogênitos dos israelitas.
29	Pela fé, atravessaram o mar Vermelho como por terra seca; tentando-o os egípcios, foram tragados de todo.
30	Pela fé, ruíram as muralhas de Jericó, depois de rodeadas por sete dias.
31	Pela fé, Raabe, a meretriz, não foi destruída com os desobedientes, porque acolheu com paz aos espias.
32	E que mais direi? Certamente, me faltará o tempo necessário para referir o que há a respeito de Gideão, de Baraque, de Sansão, de Jefté, de Davi, de Samuel e dos profetas,
33	os quais, por meio da fé, subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões,
34	extinguiram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos em guerra, puseram em fuga exércitos de estrangeiros.
35	Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos. Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição;
36	outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões.

37	Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados
38	(homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra.
39	Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa,
40	por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados.

O capítulo 11 abre o texto bíblico conhecido como o rol dos heróis da fé, com exemplos maravilhosos da fé dos personagens bíblicos onde essa qualidade fez a diferença. O texto principia com a definição do realmente seja a fé: **a certeza das coisas que se espera e a convicção das que não se veem.**

Obviamente sabemos que fé independente da vontade de Deus não cabe nessa definição, de modo que talvez fosse ideal sugerir uma pequena alteração como a seguir: **fé é a certeza das coisas que se esperam segundo a vontade de Deus e a convicção das mesmas não obstante não serem visíveis.**

Foi por agirem segundo a vontade de Deus, que os antigos obtiveram bom testemunho.

No versículo 3 o autor de Hebreus afirma que o mundo foi feito a partir do invisível. A Bíblia não narra detalhes da criação, nem mesmo quanto tempo levou para realizá-la (pode ter sido em 7 dias ou em 7 eras). Não importa, porque pela fé sabemos que Ele o fez e isso basta.

Desde o início Deus deixou clara para nós que é pela fé que devemos buscá-IO como o fez Abel. Ao mesmo tempo fica claro, através de Caim, que a busca por motivos escusos nunca será bem-sucedida.

Pela fé devemos buscar uma intimidade com Deus semelhante à de Enoque, porque ela será recompensada com mais intimidade que Ele mesmo concede àqueles que O amam. Sem fé é completamente impossível agradá-IO.

A partir do versículo 7 o autor começa a listar grandes heróis de fé da Bíblia, começando por Noé e terminando com Raabe no versículo 31, ao início da entrada na Terra Prometida. Pela fé todos realizaram grandes feitos, não porque eram capazes, mas porque foram capacitados por Aquele que realiza a Sua vontade na vida daqueles que se dispõem a servi-IO.

Além desta lista, o autor menciona outros no versículo 32 e os feitos destes e de outros ainda nos versículos 33 a 38, onde ele resume dizendo que se trata de pessoas das quais o mundo não era digno.

Não obstante tudo que puderam realizar pela fé, o autor de Hebreus deixa claro que todos eles estavam debaixo da Velha Aliança, pelo que não alcançaram, em vida, a concretização da promessa do novo nascimento em Cristo, que nós (os hebreus aos quais ele está escrevendo) tivemos o privilégio de ver já concretizada, de modo que eles (os heróis bíblicos) não o alcançaram antes de nós.

Hebreus 12

Versículos 1 a 29

1	Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta,
2	olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.
3	Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossa alma.
4	Ora, na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue
5	e estais esquecidos da exortação que, como a filhos, discorre convosco: Filho meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por ele és reprovado;
6	porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe.
7	É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos); pois que filho há que o pai não corrige?
8	Mas, se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo, sois bastardos e não filhos.
9	Além disso, tínhamos os nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai espiritual e, então, viveremos?
10	Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade.
11	Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça.
12	Por isso, restabelecei as mãos descaídas e os joelhos trôpegos;
13	e fazei caminhos retos para os pés, para que não se extravie o que é manco; antes, seja curado.
14	Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor,

15	atentando, diligentemente, por que ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus; nem haja alguma raiz de amargura que, brotando, vos perturbe, e, por meio dela, muitos sejam contaminados;
16	nem haja algum impuro ou profano, como foi Esaú, o qual, por um repasto, vendeu o seu direito de primogenitura.
17	Pois sabeis também que, posteriormente, querendo herdar a bênção, foi rejeitado, pois não achou lugar de arrependimento, embora, com lágrimas, o tivesse buscado.
18	Ora, não tendes chegado ao fogo palpável e ardente, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade,
19	e ao clangor da trombeta, e ao som de palavras tais, que quantos o ouviram suplicaram que não se lhes falasse mais,
20	pois já não suportavam o que lhes era ordenado: Até um animal, se tocar o monte, será apedrejado.
21	Na verdade, de tal modo era horrível o espetáculo, que Moisés disse: Sinto-me aterrado e trêmulo!
22	Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembléia
23	e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados,
24	e a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspensão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel.
25	Tende cuidado, não recuseis ao que fala. Pois, se não escaparam aqueles que recusaram ouvir quem, divinamente, os advertia sobre a terra, muito menos nós, os que nos desviamos daquele que dos céus nos adverte,
26	aquele, cuja voz abalou, então, a terra; agora, porém, ele promete, dizendo: Ainda uma vez por todas, farei abalar não só a terra, mas também o céu.
27	Ora, esta palavra: Ainda uma vez por todas significa a remoção dessas coisas abaladas, como tinham sido feitas, para que as coisas que não são abaladas permaneçam.
28	Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor;
29	porque o nosso Deus é fogo consumidor.

Obviamente a tão grande nuvem de testemunhas que nos rodeiam incluem não apenas os “heróis da fé”, listados no capítulo anterior, mas também os muitos outros que venceram pela fé e hoje adentraram o lar celestial antes de nós. Isso desperta uma dúvida, qual seja: será que os habitantes celestiais acompanham tudo que se passa aqui embaixo? Pessoalmente não creio que o autor esteja especulando a esse respeito e que aquilo que diz é apenas uma figura para dizer que devemos nos inspirar neles, pois nos

servem de exemplo. Não obstante eu pensar assim, nada impede que recordemos alguns versículos que nos ajudam a tentar responder essa pergunta. Esbanjando a sua sabedoria Salomão, em *Eclesiastes 9.5-6* nos diz o seguinte: “Pois os vivos sabem que morrerão, mas os mortos nada sabem; para eles não haverá mais recompensa, e já não se tem lembrança deles. Para eles o amor, o ódio e a inveja há muito desapareceram; nunca mais terão parte em nada do que acontece debaixo do sol”. Esse versículo aparentemente nos diz que eles não têm mais nada a ver com isso aqui, mas esse “nada a ver” está limitado à participação na vida terrena (todas as almas errantes que Hollywood deixou vagando por aqui, por terem negócios inacabados nessa vida, são eliminadas por esse versículo). Por outro lado, ele não nos diz que essas pessoas, tanto as do reino celestial como as do inferno, não tenham ciência do que se passa aqui. Podem ter ou não, sem, contudo, lhes ser facultada qualquer interferência. Outro versículo que me vem à mente é a parábola de Jesus referente ao rico e Lázaro (*Lucas 16.19-31*). Não obstante tratar-se apenas de uma parábola, fica claro que Abraão tinha total conhecimento do que se passava na Terra e no inferno, mas deixou claro não poder interferir, devido ao abismo entre eles. O rico, no inferno, tem a visão dos céus e parece ter conhecimento do fato de que seus irmãos continuavam a viver no pecado que o levava para ali (se bem que pode ser apenas uma suposição), mas achava que a ressurreição de um morto poderia convencê-los a mudar. Mais uma vez isto é apenas uma parábola, mas dificilmente Jesus inventaria algo que não fosse factível neste caso.

Outro texto que me vem à lembrança é a declaração do próprio Jesus de que há mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por 99 que não precisam de arrependimento (*Lucas 15.7*). Não é dito explicitamente, mas me parece que todos no céu se alegram, incluindo aqueles dentre nós que já ali se encontram. Finalmente, me recordo, ainda, do evento do Monte da Transfiguração (*Mateus 17.2-3*), onde Moisés e Elias se encontraram com Jesus (aparentemente para falar a respeito dos eventos que estavam por se cumprir). Esse evento mostra que, pelo menos para fins específicos, os habitantes do céu estão bem informados do que se passa aqui.

Certamente, contudo, não é porque estamos sendo “vigiados”, mas, sim, pelo estímulo do exemplo que nos deram aqueles que entraram no céu antes de nós, devemos nos livrar de tudo que nos atrapalha na nossa corrida de fé, principalmente do pecado, que tão de perto nos assedia, para corrermos, com perseverança, a carreira que nos está proposta. O mundo e a carnalidade que ele promove conspiram contra o espírito (*Romanos 7.14-25* e *Gálatas 5.15-25*). Não permitir que o mundo atrapalhe nosso relacionamento com Deus é uma decisão nossa. Não permitir que o pecado prolifere na nossa vida do dia a dia é uma decisão que nós devemos tomar, pois a carreira que nos foi proposta depende disso.

Para que possamos alcançar o alvo, é necessário que não deixemos de manter nele a nossa atenção. Aliás, tudo na vida é assim. Durante os últimos 45 anos tenho visto, como professor universitário, envolvido com pesquisa, que os únicos alunos bem-sucedidos são aqueles que mantêm o olho no alvo. Os que se distraem nunca chegam lá; se

perdem pelo meio do caminho. No caso específico da vida cristã, o alvo de nossa carreira e o prêmio a ser alcançado são um e o mesmo: Jesus. Ele é o Autor e o Consumador da nossa fé! Jesus é Deus, o plano é dEle e a realização prática do plano foi posta em prática por Ele. A grande alegria dEle foi a libertação do homem, que Ele ama, do pecado, aplicando para tanto a Sua maravilhosa graça.

Para atingir a plenitude dessa alegria Ele não mediu as consequências, quais sejam, a morte de cruz (que incluía a separação do Pai ao tomar sobre Si os nossos pecados) e a vergonha associada à mesma. A cruz era a morte reservada aos criminosos mais degradados. Um cidadão romano jamais seria morto numa cruz por pior que fosse o seu crime. Na cruz Jesus Se torna maldito (tomando sobre Si a nossa maldição - *Gálatas 3.10-14*), realizando a mais completa substituição em que tudo dEle foi tirado para que nós pudéssemos nos tornar herdeiros de tudo que Ele queria que tivéssemos nEle. Tendo alcançado essa retumbante vitória, Ele Se assentou no lugar de honra à direita do trono do Pai nas alturas.

Tendo lembrado a seus leitores o maravilhoso exemplo de seus pais, o autor se volta, no versículo 3, novamente para o problema específico deles e compara sua situação e a perseguição à qual estão sujeitos como aquela que Jesus aceitou voluntariamente por amor a eles. São instados a considerarem quão grande foi essa perseguição para que não venham a desanimar.

Lembramos que o problema dos hebreus aos quais a carta foi escrita, foi o fato de considerarem a possibilidade de negar Jesus para poderem voltar ao convívio do santuário. Essa alternativa surgiu como contrapartida à perseguição que vinham sofrendo, que não apenas os discriminava, mas já tinha chegado a prisões e ao confisco de bens (*Hebreus 10.32-34*). Neste ponto o autor lembra a eles que Jesus entregou a vida por eles, mas o sofrimento deles não chegara ao derramamento de sangue, ou seja, ninguém fora morto por causa do Evangelho que eles professavam.

Nos versículos 5 a 8, o autor parece sugerir, tomando por divinas as palavras de Salomão em *Provérbios 3.11-12*, que os hebreus estavam cometendo um erro, por acharem que a perseguição que estavam sofrendo decorria do fato de terem sido abandonados por Deus. Por isso mesmo, ele apresenta uma versão expandida do versículo de Provérbios, deixando claro que o fato de estarem sofrendo perseguições é, na realidade, um motivo de ânimo, porque Deus disciplina a quem ama e repreende a todo aquele que recebe por filho. Assim sendo, se eles estivessem sem disciplina e não estivessem sendo disciplinados por Deus, aí sim, é que deveriam ficar preocupados, pois isso significaria apenas que eles não são filhos e que jamais foram adotados por Deus Pai.

A lógica dos versículos 9 e 10 é imediata. Tínhamos pais terrenos que nos disciplinavam para o nosso bem, mas nem sempre acertavam no seu juízo. Quantas vezes apanhei por culpa de algum irmão que mentiu, ou porque meu pai errou na avaliação da situação que achava ter entendido. Mesmo assim, nós os respeitávamos simplesmente porque eram nossos pais. Quanto mais, portanto, devemos nos submeter a Deus Pai, que nos

conhece completamente e nos avalia com base no que vai em nossos corações, com o objetivo único e maravilhoso de que nós nos tornemos participantes de Sua santidade. A lógica global do texto que vai do versículo 5 ao 10 é, portanto, muito simples: o filho adotado por Deus deve ser santo como Ele é Santo. Se não é, Deus o disciplina para que seja. Isso é feito para o nosso bem, porque vida cristã bem-sucedida é aquela em que andamos como Ele quer. A ideia de que somos imperfeitos como humanos e que Deus nos tolera como somos, porque conhece nossas fraquezas, é incompatível com aquilo que o autor está dizendo.

Ele está na realidade colocando uma condição segundo a qual podemos saber se somos salvos ou não, ou seja, se fomos adotados como filhos ou não. A pergunta é simples e ele a aplica aos hebreus a quem está escrevendo. Se Deus nos permite viver vidas mundanas e não nos disciplina, é porque nunca nascemos de novo. É isso que significa ser filho ilegítimo ou bastardo. **Deus não tem filhos bastardos!**

Isso não quer dizer que não mais pequemos, motivo pelo qual Paulo nos adverte a não tomarmos a forma do mundo (*Romanos 12.2*), mas, sim, que devemos ser transformados de fé em fé até chegarmos à estatura do Varão Perfeito, para o que somos advertidos e, quando necessário, disciplinados.

É interessante que tanto no Judaísmo, como no Cristianismo, Deus sempre quis que nos parecêssemos com Ele: **“sejam Santos pois Eu sou Santo”** (*Levítico 20.26*) é o mesmo que crescer até a estatura da plenitude de Cristo (*Efésios 4.13*). Outro dia estava procurando um versículo similar no Corão, quando recebi um e-mail dizendo que, como leigo, eu deveria consultar um especialista, pois entendem melhor o que está escrito naquele livro. Resolvi, então, encurtar o caminho e perguntar a esse “especialista” onde fica um versículo em que Allah requeira santidade de vida de seus servos muçulmanos. Depois de trocarmos uns 4 e-mails, nos quais ele insistia que só Allah pode ser santo e eu responder explicando o sentido de santidade, cheguei à conclusão que ou ele, o especialista, não sabia, ou, então, não é isso que Allah espera de seus servos.

O versículo 11 deixa claro que nenhum filho gosta de apanhar, mas os filhos honram os pais, ao reconhecerem o quão boa e necessária foi a disciplina que lhes foi aplicada no momento certo. A ideia moderna de que a disciplina de filhos não pode prever a vara é demoníaca, sem qualquer exagero, por ser contrária aos ensinamentos divinos, tanto de Provérbios como de Hebreus. O autor de Hebreus cita *Isaías 32.17* ao dizer que naqueles que são exercitados a disciplina surgirão frutos de justiça e paz.

Continuando a sua exortação, o autor continua citando o AT em *Isaías 35.3*: **“Fortaleçam as mãos cansadas e firmem os joelhos vacilantes”** e depois uma variação de *Provérbios 4.26* e *27*: **“Veja bem por onde anda e os seus passos serão seguros. Não se desvie nem para a direita nem para a esquerda”**.

No versículo 14 a exortação do autor parece passar para o NT, onde ele cita Paulo em *Romanos 12.18*: **“Façam o possível para viver em paz com todos”**, voltando depois para

o AT, onde a citação pode ser de *Levítico 20.26*, mencionado acima. Encerrando esse versículo, a admoestação do autor não dá margem a qualquer dúvida em relação à necessidade de santidade na vida do crente. Deus nos chamou para participarmos de Sua santidade. Se aceitamos o Seu convite, então, o Espírito do Senhor fará o resto.

No versículo 15 o autor volta a endurecer o seu discurso e alerta contra formas de apostasia. Desta feita fala de uma que é bastante comum em nosso meio e que, nem por isso, ele a considera menos grave. Há um provérbio (*Provérbios 6.16-19*) no qual se fala sobre seis coisas que Deus odeia e uma sétima que Ele abomina, qual seja, aquele que semeia discórdia entre irmãos. É exatamente disso que o autor está falando aqui, ou seja, do pecado que Deus abomina, através da qual, segundo ele, é possível ser excluído da graça de Deus, ou apostatar, ou, ainda, excluído da salvação em Jesus Cristo. Trata-se de uma pessoa que não só rejeita as exortações divinas, como também arrasta outras pessoas com ele graças à forma como ergue uma bandeira e a carrega. Infelizmente não é tão raro encontrarmos igrejas que são divididas por uma doutrina herética, introduzida por uma pessoa eloquentemente convincente, que arrasta com ele muitos incautos. É justamente contra tal tipo de apostasia que o autor está alertando.

Os versículos 16 e 17 falam de uma maneira muito dura sobre o pecado de Esaú, dando a entender que este o tornou desqualificado. É lícito entendermos que Esaú perdeu a sua salvação devido ao pouco valor que deu à sua primogenitura? Ou será que o seu desrespeito à primogenitura, com a conseqüente perda da bênção, está sendo usado como um exemplo para caracterizar o efeito equivalente da apostasia na vida do crente? O texto fala de Esaú como um imoral (fornicador) e um profano (não temente a Deus). O texto bíblico, infelizmente, não nos diz o suficiente para concluirmos isso. O fato dele ter casado com duas cananeias, que trouxeram grande desgosto a seus pais, é equivalente ao pecado de fornicção? Será que o total desinteresse pela sua primogenitura, que trocou por um prato de lentilhas, é suficiente para concluirmos que ele não era um homem temente a Deus e, sim, um que hoje qualificaríamos de um ateu por desinteresse? Será que o ódio gerado na vida de Esaú pelo fato de Jacó ter enganado o pai para receber o que era dele por direito equivale à tristeza segundo o mundo que produz morte (*II Coríntios 7.10*)? Se pudermos responder sim a essas 3 perguntas, então, certamente estamos lidando com um apóstata. Caso contrário prevalece a possibilidade de Esaú ter sido apenas um exemplo de uma pessoa tola lidando com coisas de valor. Não creio que possamos dirimir essa dúvida, principalmente tendo em vista o fato de conhecermos posteriormente um Esaú completamente transformado, que recebeu de forma amável a Jacó, no seu retorno da casa de Labão 20 anos mais tarde.

Seja como for, é certo que não devemos agir, em relação às coisas de Deus, da mesma forma como Esaú agiu em relação aos itens citados.

Ao longo de todo o livro de Hebreus vimos o autor fazer continuadas comparações entre o AT e o NT, entre a lei e a graça, entre a Velha Aliança e a Nova etc. Agora, no restante do capítulo 12 (versículo 18 em diante), ele retorna a essa técnica de ensino e faz uma comparação entre a desobediência no AT e no NT. Ele resume essa comparação aos

dois montes onde se deu a outorga da lei e da graça, quais sejam, o Monte Sinai e o Monte Sião, respectivamente. O relato do Monte Sinai começa com Deus falando a Moisés, com o povo convocado para ouvir e o monte todo tremendo, e culmina com a morte de toda aquela geração, que, tendo pedido para ouvir Moisés somente e não Deus, não O obedeceram, pelo que morreram no deserto todos os que saíram no Egito com mais de 20 anos de idade, com exceção de Josué e Calebe, que tentaram, mas não conseguiram convencer o povo a confiar nas promessas divinas de que seriam bem sucedidos.

Ao se referir ao Monte Sião, ele o faz não em termos do Calvário e do sacrifício expiador de Jesus, mas olha para a conquista resultante desse sacrifício, qual seja, a Jerusalém celestial, conquistada por aqueles que ouviram a voz do Espírito Santo.

Em ambos os casos o autor fala dos dois montes em termos de sete atributos para os quais nos convém atentar. Estes se encontram listados no quadro a seguir, para o qual muitos autores têm procurado estabelecer um paralelo, que podemos apreciar para formarmos opinião própria.

MONTE SINAI	MONTE SIÃO
Local intocável	<u>Cidade do Deus vivo</u> , a Jerusalém Celestial
Local em chamas de fogo	Miríades de anjos em reunião festiva
Local de trevas	Igreja dos Primogênitos que tem nome no livro da vida
Local de escuridão	Ao Deus que é Juiz de todos os homens
Local de tempestade	Aos espíritos dos justos aperfeiçoados
Soar de trombeta	Jesus, o Mediador da Nova <u>Aliança</u>
Som de palavras que o povo não quis ouvir	Ao sangue aspergido que fala melhor que o de Abel

Os textos que dão origem à descrição do autor de Hebreus se encontram em *Êxodo 19.16-20.21* e *Deuteronômio 4.10-14*. Trata-se da ocasião em que Deus deu a Moisés o decálogo, enquanto o povo esperava ao pé do Monte Sinai. Em *Êxodo 19.12* Deus já mandara Moisés estabelecer um limite em torno da base do monte, que não deveria ser excedido pelos israelitas ou seus animais. Quem o fizesse deveria ser morto. Quando fossem convocados, por meio do longo toque da trombeta, só então a totalidade do povo poderia subir. Moisés santificou todo o povo, conforme instruído por Deus, e ao terceiro o dia o monte ardia em chamas e ele estava envolvido por uma nuvem escura e densa, enquanto todo o monte tremia e se ouviu um som, cada vez mais estridente, de uma trombeta, até que Deus começou a falar com Moisés. Todo o povo ouviu enquanto lhes transmitia os Dez Mandamentos. Concluída a conversa de Deus com Moisés, e antes que a trombeta longa soasse, o povo disse a Moisés que não queriam falar com Deus e que ele mesmo deveria fazê-lo, pois eles tinham medo. Embora Deus quisesse falar diretamente com o povo, é muito triste que este preferisse não vê-lo pessoalmente, solicitando a Moisés que ficasse de intermediário. O resultado desse afastamento do povo foi a desobediência que culminou com a recusa de entrarem na terra prometida, seguida da decisão de Deus de estender por 38 anos o período de deserto, com a morte de todos. É essa desobediência, que começou no Monte Sinai (Monte Horebe), que o autor de Hebreus agora confronta com a Nova Aliança e a consequência do risco de desobediência no âmbito da mesma.

Jesus não foi sacrificado no Monte Sião e, sim, no Monte Moriá, mas Sião é um nome que não se limita ao monte em si, mas tem sido usado como representativo de toda a Jerusalém. *Amós 1.2*, por exemplo, nos diz que “o Senhor ruge de Sião e tropeja de Jerusalém”, enquanto *Miquéias 4.2* nos fala que “de Sião virá a Lei e a palavra do Senhor de Jerusalém”. Aqui, contudo, o sentido é ainda mais amplo, porque diz respeito ao sentido do Sião espiritual, pelo que nos fala da **Jerusalém celestial, que é a cidade do Deus Vivo**. Devemos lembrar aqui que os destinatários da carta estão sendo convidados a retornar ao convívio do templo e, portanto, à Jerusalém terrena, que, para Paulo, em *Gálatas 4.25*, está associada à lei. A Jerusalém celestial, contudo, de muito mais valor, é a que deve ser buscada.

O autor lembra, ainda, que **chegamos a milhares e milhares de anjos, todos celebrando festa ou culto para o Deus Vivo**. Parte deste culto foi testemunhado por João em *Apocalipse 5.11*, que nós, igualmente, cantamos. Qualquer tipo de paralelo só vai encontrar do outro lado uma multidão aterrorizada de israelitas fugindo da glória de Deus, pela busca de um mediador.

Chegamos, ainda, à **igreja dos primogênitos que têm o nome escrito no livro da vida**. É verdade que Moisés, ao se dirigir a Faraó, disse que Deus ordenara a libertação de **Seu Primogênito**, referindo-se à assembleia dos Filhos de Israel, (*Êxodo 4.22*), mas a referência aqui é à Igreja formada por aqueles que foram regenerados pela ressurreição de Jesus (*IPedro 1.3*), pelo que têm seus nomes escritos no livro da vida e à qual Jesus mesmo Se referiu em *Mateus 16.18*, dizendo que contra ela as portas do

inferno não prevaleceriam. *Tiago 1.18* se refere a esse grupo como os primeiros frutos da recriação divina, o que equivale a chamá-los de primogênitos. Mesmo assim, a referência aos primogênitos parece ter origem no AT onde Deus, no Egito, comprou para Si os primogênitos dos Filhos de Israel (*Êxodo 13.1*). Quanto a **terem seus nomes no livro da vida**, a ideia é neo-testamentária, visto que Jesus mesmo a citou em *Lucas 10.20*, mas ela existe desde o AT onde Moisés, ousadamente, pediu a Deus para tirar seu nome deste livro, caso Ele não perdoasse o pecado de idolatria do povo, cometido enquanto ele estava no topo do monte (*Êxodo 32.31-33*). Sem dúvida, portanto, os nomes dos indivíduos pertencentes ao Israel de Deus (*Gálatas 6.16*) eram escritos no Livro da Vida desde a primeira dispensação, mas só alcançaram as promessas com a sua realização na ressurreição de Jesus (*Hebreus 11.13* e *IPedro 1.3*).

Curiosamente, encontrei uma tradução inglesa que diz, a seguir, que chegamos a um juiz que é Deus de todos, ao contrário da maioria que diz **termos chegado a um Deus, que é Juiz de todos**. Na verdade, contudo, apenas o Deus de todos pode julgar a todos e vice-versa. Hughes ressalta que este é o Deus Criador de todos, o mesmo que sustenta a existência de todos e, ainda, o mesmo que salvou a todos através do sacrifício de Seu Filho Unigênito Jesus, o Cristo. Assim, o fato de que o nosso juiz ser justamente Aquele que nos comprou, adotou e santificou, é para nós motivo de enorme conforto, visto que todos os nossos pecados já foram cravados na cruz e não mais depõem contra nós (*Colossenses 2.13-14*). Assim, o trono que para uns será um tribunal de juízo, para nós será um trono de graça. Aleluia!

O autor do livro de Hebreus, que insiste na realidade do aperfeiçoamento de Jesus em *Hebreus 2.10, 5.9* e *7.28* depois da ressurreição, também fala neste versículo do aperfeiçoamento de quantos estão remidos sob a nova aliança. Isso inclui o Israel de Deus do VT, que foram aperfeiçoados juntamente conosco após a ressurreição de Jesus (*Hebreus 11.40*) e o Novo Israel do NT.

Não há dúvida, contudo, que o ponto alto do texto é o fato de termos chegado a **Jesus, o Mediador da Nova Aliança**, que foi o principal objeto de todo o livro de Hebreus, como o é, também, de todo o restante da Bíblia. Não se faz necessário, portanto, que repitamos tudo que já foi dito anteriormente sobre Ele ou sobre a superior aliança.

Falta apenas falarmos do **Seu sangue aspergido que fala melhor que o de Abel**. Depois que Caim matou o seu irmão Abel, Deus Se dirigiu a ele, em *Gênesis 4.10* e disse: **“a voz do sangue do seu irmão clama a Mim da terra”**. Fica claro, portanto, que o clamor do sangue de Abel, derramado de forma traiçoeira, se fazia por justiça. Esse é o principal motivo porque o sangue de Jesus fala melhor que o de Abel, pois este, ao contrário, clama oferecendo uma “eterna redenção”, que Jesus mesmo conquistou ao entrar no Santo dos Santos, demonstrando a maravilhosa graça que cantamos e decantamos. Foi por amor que Ele aceitou Se fazer pecado para que nEle pudessemos ser feitos justiça de Deus (*II Coríntios 5.21*).

Sempre que leio a história de Moisés e o seu castigo “severo” pela “pequena desobediência” cometida no evento das águas de Meribá (*Números 20.12*) aprendo, reiteradamente, a preciosa lição do quanto é maior a responsabilidade daquele a quem Deus concede intimidade. Na Nova Aliança Deus não só nos perdoa (como já fazia na Velha), mas Ele nos adota como filhos depois de nos transportar do reino das trevas para o Reino de Jesus Cristo (*Colossenses 1.13*). Aquilo que nos é concedido no âmbito da Nova Aliança é muito maior do que aquilo que era oferecido aos Filhos de Israel no âmbito da aliança do Sinai. Aqueles que rejeitaram a voz de Deus, no quadro do Monte Sinai deixaram de adentrar a Terra Prometida porquanto não creram naquele que os tirara do Egito com grandes sinais, rejeitando o descanso que lhes era oferecido, preferindo antes constituir um novo líder que pudesse levá-los de volta para a escravidão (*Números 14.4*). No âmbito da carta aos Hebreus, os destinatários da carta cogitavam da possibilidade de retornar à comunidade do templo, deixando de ouvir aquele mesmo Deus que falara no Monte Sinai aos Filhos de Israel. Depois de terem recebido Jesus e sabedores da maravilhosa salvação por Ele adquirida, não há dúvida que sua responsabilidade é muito maior em caso de apostasia.

O abalo do Monte Sinai, que tremia todo, como num terremoto, causado pela presença do Deus criador do Céu e da Terra, foi o marco daquele momento no qual concedia ao povo a Sua Lei, que deveria guiar seus passos daí em diante. Naquela ocasião o abalo real representava a mudança de comportamento que a nova Lei deveria produzir nos atos dos Filhos de Israel, limpando, assim, as suas vidas, tornando-os separados para Deus (ou seja santos). Nestes versículos 26 e 27, o abalo é usado como uma figura de linguagem. Talvez o autor tivesse em mente *Ageu 2.6-7*, onde o profeta diz que “**Dentro de pouco tempo farei tremer o céu, a terra, o mar e o continente. Farei tremer todas as nações as quais trarão para cá os seus tesouros, e encherei este templo de glória**”. A profecia de Ageu parece uma referência clara à presença de Jesus no templo e, como o autor de Hebreus fala de um evento futuro, é mais provável que a referência aqui seja à Segunda Vinda de Cristo. Nesta ocasião, certamente, serão abalados todos os valores deste mundo e mantidos apenas aqueles que realmente têm valor aos olhos de Deus. Caberia aos destinatários da carta reconhecer esses valores e não “traí-los”, apegando-se a valores de um Reino inabalável, desprezando aqueles que já tinham abandonado.

O reino que estamos recebendo e no qual militamos ao lado de Jesus é inabalável e será vencedor na volta de Jesus. Cabe a nós saber exercer gratidão. A verdadeira gratidão se expressa em termos de fidelidade, que por sua vez se traduz em uma adoração sincera, reverente e temente a Deus. Não há dúvida de que Hebreus é o livro bíblico que mais exorta o crente a viver uma vida em santidade. Façamos isso, pois, visto que nosso Deus é fogo consumidor.

Hebreus 13

Versículos 1 a 25

1	Seja constante o amor fraternal.
2	Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos.
3	Lembrai-vos dos encarcerados, como se presos com eles; dos que sofrem maus tratos, como se, com efeito, vós mesmos em pessoa fôsseis os maltratados.
4	Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros.
5	Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes; porque ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei.
6	Assim, afirmemos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?
7	Lembrai-vos dos vossos guias, os quais vos pregaram a palavra de Deus; e, considerando atentamente o fim da sua vida, imitai a fé que tiveram.
8	Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre.
9	Não vos deixeis envolver por doutrinas várias e estranhas, porquanto o que vale é estar o coração confirmado com graça e não com alimentos, pois nunca tiveram proveito os que com isto se preocuparam.
10	Possuímos um altar do qual não têm direito de comer os que ministram no tabernáculo.
11	Pois aqueles animais cujo sangue é trazido para dentro do Santo dos Santos, pelo sumo sacerdote, como oblação pelo pecado, têm o corpo queimado fora do acampamento.
12	Por isso, foi que também Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta.
13	Saiamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério.
14	Na verdade, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir.
15	Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome.
16	Não negligencieis, igualmente, a prática do bem e a mútua cooperação; pois, com tais sacrifícios, Deus se compraz.
17	Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros.

18	Orai por nós, pois estamos persuadidos de termos boa consciência, desejando em todas as coisas viver condignamente.
19	Rogo-vos, com muito empenho, que assim façais, a fim de que eu vos seja restituído mais depressa.
20	Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança,
21	vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém!
22	Rogo-vos ainda, irmãos, que suporteis a presente palavra de exortação; tanto mais quanto vos escrevi resumidamente.
23	Notifico-vos que o irmão Timóteo foi posto em liberdade; com ele, caso venha logo, vos verei.
24	Saudai todos os vossos guias, bem como todos os santos. Os da Itália vos saúdam.
25	A graça seja com todos vós.

Este capítulo representa uma mudança substancial em relação à linha de pensamento apresentada nos 12 capítulos anteriores, a ponto de alguns estudiosos terem achado que a autoria é outra, mas a maioria prefere pensar que, tendo encerrado o assunto da carta, o autor se limite a fazer algumas recomendações finais, que fazem coro com ensinamentos de Jesus e vários autores neo-testamentários, como João, Paulo e Pedro.

Sua primeira recomendação é que haja “filadélfia” entre eles (e entre nós de igual forma). Os nossos púlpitos nos ensinam sempre que a palavra “amor” no português corresponde a 3 termos distintos em grego, quais sejam, “hagape”, o amor divino, “fileo”, o amor fraternal e “eros”, o amor físico. Trata-se do amor que deve haver entre aqueles que se tornaram irmãos em Cristo (*Romanos 12.10, ITessalonicenses 4.9, IPedro 1.22 e IIPedro 1.7*). Isso é refletido por um dos hábitos que temos em nossas igrejas de chamar os demais membros de “irmãos”, hábito esse que vemos na própria carta de Hebreus (*Hebreus 3.1 e 12 etc.*). Segundo o autor de nossa epístola, isso tem início no próprio Senhor Jesus, que Se fez um de nós para que pudéssemos nos fazer como Ele, não Se envergonhando, então, de nos chamar de “irmãos” (*Hebreus 2.11*).

A recomendação paulina de que crescamos até à estatura do Varão Perfeito (*Efésios 4.13*) implica, necessariamente, em amarmos nossos irmãos assim como Ele nos amou, pelo que vem totalmente de encontro ao pedido de Jesus na última ceia, quando Ele expressou isso como o Seu novo mandamento (*João 13.34*). Além disso, Ele falou que isso seria a prova de nosso discipulado (*João 13.35*).

A hospitalidade não deve ser esquecida. Obviamente isso corresponde a uma puxada de orelha, porque isso não vinha acontecendo. Não é possível amar o próximo sem

mostrar interesse pelo seu bem-estar. Começa a ficar claro, portanto, que o capítulo 13 não é apenas um epílogo sem conexão com os capítulos anteriores, mas, sim, uma admoestação que recorda ser impossível confessar Jesus e não se parecer com Ele.

O alvo de santidade passa pelo amor de Deus fluindo livremente através de nossas vidas. O amor ao irmão e a hospitalidade têm que preceder o amor pelos pecadores. Como podemos sequer pensar em amar aqueles que queremos alcançar sem que o amor de Deus nos tenha alcançado em relação aos irmãos? A ideia de que possamos hospedar anjos sem sabê-lo nos remete a várias histórias bíblicas como a de Abraão recebendo o próprio Deus e dois anjos, antes da destruição de Sodoma e Gomorra (*Gênesis 18*). De igual modo os mesmos dois anjos foram hospedados por Ló, pouco antes da fuga dele e de sua família (*Gênesis 19*). Séculos mais tarde os pais de Sansão também recebem um anjo sem sabê-lo a princípio (*Juízes 13*).

Obviamente todos estamos cientes dos abusos que podem ocorrer em decorrência desse ensino e todos conhecemos exemplos de abusos que sempre existiram. O Didaqué, um livro que contém o ensino de vários doutrinadores do primeiro século e que aborda problemas práticos, já registra medidas para evitar abusos desse tipo. Recomenda, por exemplo, que a hospitalidade não se estenda por mais de 2 dias e que o hóspede seja convidado a sair se pedir dinheiro (Hughes). Seja como for a nossa hospitalidade, não deve deixar de existir simplesmente porque há abuso. Ela deve existir apesar deles.

Na época em que o autor de Hebreus está escrevendo havia dois problemas distintos ocorrendo no seio da igreja: por um lado estava sendo pregado que a verdadeira santificação exigia que se abrisse mão do casamento, pois a abstinência permitia uma separação da atração da carne. Contra esse tipo de ideia, aparentemente originada entre os essênios, Paulo discursa contra a proibição do casamento (*1 Timóteo 4.3*), por ser criado por Deus, que o santificou.

Por outro lado, é possível que o casamento estivesse sendo tratado de forma moralmente fraca, como um vínculo apenas circunstancial, a exemplo do que ocorre em nossos dias. Aparentemente esse é o caso devido à continuidade do texto que fala da punição de imorais e adúlteros.

As igrejas evangélicas são confrontadas com o divórcio e o recasamento por força de lei e muito tem sido discutido a esse respeito, distinguindo-se uma grande gama de opiniões entre o radicalismo total (proibição do recasamento) e a lassidão total (omissão em relação à situação dos membros). Infelizmente o único versículo bíblico conclusivo a respeito é *Mateus 19.9* (**Eu, porém, lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, e se casar com outra mulher, estará cometendo adultério**). Neste versículo fica explícito o casamento e o recasamento legal da parte ofendida, mas obviamente há uma vasta gama de casos, muitos sem volta, que à luz desse versículo são apresentados como adultério, e que precisam ser apreciados, mas que não serão tratados neste contexto.

A Bíblia está repleta de ensinamentos que ressaltam o perigo do amor ao dinheiro, como nestes versículos 5 e 6. Jesus mesmo disse que era impossível servir a Deus e aos tesouros materiais (*Mateus 6.24*). Também mostrou total desapego aos valores materiais ao dizer, em *Mateus 8.20*, que não tinha onde repousar a cabeça. Ensinou que a vida do homem não consiste na abundância de seus bens (*Lucas 12.15b*) e instou para que ajuntássemos tesouros nos céus e não na Terra, por serem estes de natureza passageira (*Mateus 6.19*). O apóstolo Paulo, de igual forma, não apenas apresentou inúmeros ensinamentos similares (ver, por exemplo, *1 Timóteo 6.6-10*), como fez de sua própria vida um exemplo da atitude que nós crentes devemos ter em relação aos bens materiais (ver *II Coríntios 6:10*, onde ele diz possuir tudo apesar de não ter nada).

Já vimos acima que as exortações desse capítulo não são apenas um epílogo, mas, sim, uma série de aspectos da vida cotidiana, onde os hebreus estavam falhando em termos de santidade de vida cristã. É de se supor, portanto, que o apego aos bens materiais devia ser, também, um dos problemas que estava afetando a vida destes cristãos.

Embora o autor de Hebreus não o diga claramente, Hughes lembra, em seu comentário desse capítulo, a estreita conexão que existe entre o apego a bens materiais e a maior relaxação da tolerância para com a imoralidade sexual (*ICoríntios 5.11*, *Efésios 5.3* e *Colossenses 3.5*), deixando claro que um pecado abre sempre o caminho para outros.

O autor se esforça, portanto, por lembrá-los que servimos a um Deus que conhece e provê para as nossas necessidades (*Josué 1.5*, *ICrônicas 28.20*, *Deuteronômio 31.6* e *Gênesis 28.15*).

No versículo 7 os hebreus são exortados a se lembrarem dos seus líderes por terem sido eles os portadores da Palavra de Deus, bem como porque suas vidas atestaram a verdade daquilo que diziam, pois viveram exatamente o que pregavam. Quando Cristo vive em nós, não faz diferença se falamos ou damos testemunho, porque os dois são coerentes, mas quando somos meros hipócritas, por termos ações que desmentem o que dizemos, estas últimas falam sempre mais alto que o nosso discurso.

Cabe ressaltar que o autor está se referindo a esses cristãos exemplares como pessoas a serem lembradas, mas não como metas que pautarão as nossas vidas. Nós, cristãos, teremos sempre como meta a estatura do Varão Perfeito. É Ele que deve ser imitado.

Embora a verdade do versículo 8 seja inquestionável e real para todos os crentes, o que se questiona aqui é a ligação desta sentença com os versículos anteriores, ou posteriores ou ainda ambos. Sem dúvida o Senhor Jesus, que motivou e sustentou os líderes do passado, que viveram fielmente a Seu serviço, é o mesmo que os hebreus, destinatários desta carta, tinham escolhido servir. Obviamente, não havendo mudança daquele que é fiel, tampouco haveria motivo para qualquer desânimo da parte desses hebreus. Por outro lado, veremos a seguir, que a ligação com as verdades dos versículos posteriores é tão real quanto a que acabamos de afirmar para os anteriores.

Havia, à época, problemas com o paganismo dos gregos, mas é pouco provável que esse seja o assunto que esteja preocupando o autor em relação a estes hebreus no versículo 9. O mais provável aqui é que os judeus do templo, que estavam tentando persuadir estes hebreus a retornar à sua comunidade, lhes tivessem dito que era necessário que aquele que procura o perdão se identificasse com o seu sacrifício, como era feito no cerimonial judaico. É óbvio, contudo, que a imutabilidade de Jesus, a quem eles diziam servir, atestava o fato de que Ele continuava um mediador de muito melhor aliança, no âmbito da qual foi feito muito melhor sacrifício, fornecendo a eles muito mais abrangente perdão, com o qual se sentiram, pela primeira vez, efetivamente, perdoados. Essa é a imutabilidade assegurada pelo versículo 9 de Hebreus. É verdade que os sacerdotes participavam de alguns dos sacrifícios, comendo a carne das ofertas, mas havia outros, notadamente os sacrifícios pelo pecado, em que isso lhes era vedado. O autor considera aqui, como exemplo, para fins de comparação, o caso extremo do sacrifício pelo pecado, qual seja aquele do dia da expiação (*Levítico 16*). Neste dia os sacerdotes não participavam de absolutamente nada e apenas o Sumo Sacerdote tinha acesso ao altar e ao Santo dos Santos, onde entrava para levar o sangue do sacrifício, mas a vítima era queimada fora do arraial. A supremacia do sacrifício de Jesus é tornada evidente, neste caso, pois nos tornamos todos (os crentes em Jesus) participantes dele, sendo acessível também aos sacerdotes desde que reconheçam o verdadeiro sacrifício realizado por Jesus no altar da cruz do Calvário.

Temos agora o autor fazendo um desafio aos hebreus destinatários da carta que precisamos entender. Todo o cerimonialismo judaico era composto de figuras que apontavam para o sacrifício de Jesus Cristo na cruz do Calvário. Neste versículo o autor continua fazendo o seu paralelo entre o sacrifício anual do dia da expiação e o sacrifício perfeito e aperfeiçoador de Jesus Cristo. Neste dia o Sumo Sacerdote, e só ele, entrava no Santo dos Santos pelo menos duas vezes, a primeira levando o sangue de um novilho que ele oferecia por seus próprios pecados, e, a seguir, com o sangue de um bode que era oferecido pelos pecados do povo. A gordura de ambos os animais era derramada sobre o altar, mas seus corpos eram queimados fora do arraial. Juntamente com os corpos das duas vítimas a serem queimadas havia, ainda, um segundo bode que era levado para fora do arraial (ao deserto) com vida. Sobre este o Sumo Sacerdote impunha as mãos simbolizando a transferência para o mesmo dos pecados de todos. Ele era, então, levado para o deserto (onde certamente morreria), representando o afastamento irrevogável dos pecados de todos.

O autor de Hebreus está dizendo que Jesus é o cumprimento dessa figura, visto que Sua crucificação se deu fora do acampamento, da mesma forma como era queimado fora do acampamento o bode morto pelo povo. Isso implicou em grande humilhação, que Jesus aceitou sofrer por amor de cada um de nós. O desafio que o autor faz aos seus destinatários, portanto, é que também eles aceitem a humilhação associada a serem inaceitáveis para o Judaísmo, e que saiamos todos ao encontro de Jesus, pois não temos aqui o nosso tesouro, ou a nossa cidade de interesse, mas, sim, nos céus. Desta forma todos nos identificamos com grandes cristãos ao longo da história, que abriram mão da

glória terrena e cujas vidas foram dedicadas a tornar conhecido o reino e o Evangelho de Jesus.

Quanto ao segundo bode, que o autor de Hebreus não menciona, estou convicto que se refere também a Jesus ressuscitado, que conquista para nós a vida eterna ao tornar-Se o Primogênito entre muitos irmãos, a Quem foi dada a vida eterna.

O louvor como “fruto dos lábios” é, mais uma vez, tomado emprestado do Antigo Testamento, neste caso de *Oséias 14.2*, e novamente com a interpretação dada pela Septuaginta. Israel tinha um comissionamento de Deus como sacerdócio real e nação santa, condicionado à guarda da Aliança (*Êxodo 19.6*). De igual forma Pedro nos informa como esse mesmo sacerdócio nos foi transmitido na Nova Aliança (*IPedro 2.5 e 9*). É exatamente este sacerdócio que o autor está trazendo à memória dos seus irmãos hebreus.

Embora ele principie pelo louvor que passa pelos lábios, Ele lembra, também, que a nossa vida deve testemunhar isso no amor fraternal que não pode ser esquecido. Assim sendo, ele faz coro com Paulo, que lembra que devemos apresentar um culto racional, que é expresso pela santidade de nossas vidas.

De igual forma João nos lembra que não podemos confessar amor a Deus, sem que esse se faça acompanhar do amor ao próximo (*IJoão 4.20*).

É importante ressaltar que este versículo 17 não é uma exigência de obediência irrestrita a ser dada aos líderes de nossas igrejas. O autor qualifica os líderes como aqueles que cuidam do rebanho como quem há de prestar contas por ele. Infelizmente, é muito comum encontrarmos membros de igrejas que são verdadeiros “criadores de casos” e que tornam o trabalho de seus líderes desnecessariamente difícil. O autoritarismo dos líderes é a anomalia inversa e que é tão ruim quanto, mas que não está retratada neste texto. Como tudo aqui parece refletir os problemas encontrados na comunidade destes irmãos, é possível que problemas de insubordinação estivessem ocorrendo. Paulo parece ter tido a necessidade de fazer uma advertência similar escrevendo aos tessalonicenses (*ITessalonicenses 5.12*). Mas não poupa elogios aos filipenses, ao dizer que eles são a sua coroa (*Filipenses 4.1*).

É, no mínimo, curioso que o autor de Hebreus agora se encaminhe para o encerramento de sua carta, pedindo àqueles que ele adverte, devido ao risco de apostasia, para que intercedam por ele. Por algum motivo ele se achava ausente, podendo estar preso ou enfermo. Seja como for, fica claro que sua ausência não o impede de escrever a carta aos irmãos da igreja.

Os versículos finais trazem bênçãos, saudações e exortações, além de uma informação sobre a liberdade de Timóteo.

Bibliografia

Textos Bíblicos: João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada

/1/ Spurgeon, C. H., Os Tesouros de Davi, Volume 1, CPAD, Rio de Janeiro, 2017;

/2/ Spurgeon, C. H., Os Tesouros de Davi, Volume 2, CPAD, Rio de Janeiro, 2017;

/3/ Spurgeon, C. H., Os Tesouros de Davi, Volume 3, CPAD, Rio de Janeiro, 2017;

/4/ Galgoul, N. S., O Evangelho Supérfluo, a ser publicado;

/5/ Kidner, D., Salmos 1-72 Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1981;

/6/ Kidner, D., Salmos 73-150 Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1981;

/7/ Bruce, F. F., João, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1987;

[/8/ Lumen Gentium - Constituição Dogmática da Igreja, Concílio Ecumênico Vaticano II, Encíclica escrita por Paulo VI, Edições Paulinas, São Paulo, 1981;](#)

[/9/ https://bibliadocaminho.com/ocaminho/Tematica/EE/Estudos/EadeP1T2P1.2.4.htm](https://bibliadocaminho.com/ocaminho/Tematica/EE/Estudos/EadeP1T2P1.2.4.htm); EADE - Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita - Religião à luz do Espiritismo, Tomo II - Ensinos e Parábolas de Jesus - Parte 1, Módulo II - Ensinos diretos de Jesus - Roteiro 4, Nicodemos;

[/10/ Figura extraída da internet:](#)

[/https://www.google.com/search?q=location+of+the+garden+of+eden&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=VveywvSXWjFLkM%253A%252CiAwwliKdcm_paM%252C_&usg=AI4_kR16Jhl1FC5ociCwLeTU0TmcO_OiA&sa=X&ved=2ahUKewjepsOr3dzfAhVIhpAKHfA7ABUQ_h0wD3oECAUQCg#imgrc=c990EJ2nOMyjpM](https://www.google.com/search?q=location+of+the+garden+of+eden&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=VveywvSXWjFLkM%253A%252CiAwwliKdcm_paM%252C_&usg=AI4_kR16Jhl1FC5ociCwLeTU0TmcO_OiA&sa=X&ved=2ahUKewjepsOr3dzfAhVIhpAKHfA7ABUQ_h0wD3oECAUQCg#imgrc=c990EJ2nOMyjpM);

[/11/ Figura extraída da internet: https://hubpages.com/education/Are-African-Americans-the-Descendants-of-Shem](https://hubpages.com/education/Are-African-Americans-the-Descendants-of-Shem)

[/12/ Figura extraída da internet:](#)

https://www.google.com/search?q=Mapa+das+peregrina%C3%A7%C3%B5es+de+Abra%C3%A3o&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=KSTWvalTeasuYM%253A%252CZVE_xFTonfaSiM%252C_&sg=AI4_kReOgS7O_j8A7hviyKYCfMTc-hfRQ&sa=X&ved=2ahUKewiE-oKT6f_fAhVtIrkGHTr1BaIQ9QEWAnoECAMQCA#imgrc=KSTWvalTeasuYM;

[/13/ Kidner, D., Gênesis, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1979;](#)

/14/ The Ryrie Study Bible, Moody Press, Chicago, 1976;

/15/ Figura extraída da internet <https://wol.iw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1001060110>

/16/ [Cole, R. Alan, Êxodo, Introdução e Comentário](#), Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1981;

/17/ Figura extraída da internet https://www.bible-history.com/maps/route_exodus.html

/18/ Figuras extraídas da internet

<https://www.google.com/search?q=Otabern%C3%A1culo+e+todos+os+seus+utens%C3%ADlios&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=LCF0WWgBMMABuM%253A%252CwG8PTHpW2qXu2M%252C&usg=AI4 - kRs90NjUIBfOzlpPMgfGifb4L9A A&sa=X&ved=2ahUKewispKqlp8DgAhVJKrkGHdbeAqsQ9QEwAHoECAMQBA#imgsrc=LCF0WWgBMMABuM:>

/19/ Champlin, R. N.: O Antigo Testamento Interpretado - Versículo por Versículo, Editora Hagnos, São Paulo, SP, Brasil, 2001;

/20/ Harrison, R. K.: Levítico, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1983;

/21/ Gutrie, Donald: Hebreus, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1984;

/22/ EXPOSITER'S BIBLE COMMENTARY, Vol. 12, Grand Rapids, Edited by Frank E. Gaebelin, Zondervan, Michigan, USA, 1999;

/23/ GOODRICK, E. W. & KOHLENBERGER III, J. R.: The Strongest NIV Exhaustive Concordance, Grand Rapids, Zondervan, Michigan, USA, 1999;

/24/ Hughes, P. E.: A Commentary on the Epistle to the Hebrews, William B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, Michigan, USA, 1977